



Instituto Politécnico da Guarda
Escola Superior de Educação, Comunicação e Desporto

Relatório de Estágio de Prática de Ensino Supervisionada

**Mestrado em Ensino do 1º e 2º Ciclo do Ensino
Básico**

Nuno Manuel Martins Pereira

janeiro 2012



Instituto Politécnico da Guarda
Escola Superior de Educação, Comunicação e Desporto

Relatório de Estágio de Prática de Ensino Supervisionada

**Mestrado em Ensino do 1º e 2º Ciclo do Ensino
Básico**

Nuno Manuel Martins Pereira

janeiro 2013

Professora Orientadora: Professora Doutora Urbana Maria Bolota Cordeiro

Agradecimentos

Quero deixar o meu agradecimento a todas as pessoas que, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização deste relatório.

À Professora Doutora Urbana Bolota, o meu especial reconhecimento pelo seu empenho, dedicação e espírito de abertura com que sempre me acompanhou, indicando-me os passos a seguir, neste trabalho.

Aos Professores Ana Lopes, Elisabete Brito, Rosa Tracana e Pedro Tadeu, pelos seus contributos pedagógicos e espírito de amizade que sempre revelaram, ao longo de todo o percurso das áreas curriculares, procurando fazer-me entender a sua importância.

Não poderei deixar de manifestar um profundo reconhecimento aos Professores Cooperantes, Paulo Sousa, Helena Ventura, Isabel Morgado e Fátima Costa, pelo apoio e orientação que me prestaram, ao longo das minhas regências, a eles, o meu muito obrigado.

À minha mãe, quero deixar, o meu especial agradecimento pelo apoio carinhoso, compreensão e tolerância demonstrados, ao longo destes dois anos.

Por último, o meu reconhecimento a todos os que, de uma forma empenhada, contribuíram para o desenvolvimento e enriquecimento desta dissertação, através da colaboração prestada.

Resumo

O professor tem o dever de desenvolver o aluno como Pessoa, de uma forma integral, ou seja, a todos os níveis: motor, físico, cognitivo, intelectual, social, ético, cívico, psíquico e afetivo. Assim, se cumpre uma das funções essenciais da educação, a função crítica, ou individualizadora, isto é, aquela que fomenta o desenvolver das capacidades do indivíduo, visando uma formação geral, total, global e integral e que é preconizada na Lei de Bases do Sistema Educativo (L.B.S.E., 2005, art.7º, a), “assegurar uma formação geral comum a todos os portugueses que lhes garanta a descoberta e o desenvolvimento dos seus interesses e aptidões, capacidade de raciocínio, memória e espírito crítico, criatividade, sentido moral e sensibilidade estética, promovendo a realização individual em harmonia com os valores da solidariedade social.” Nesta perspetiva, o professor tem de saber interrelacionar a teoria e a prática, o saber académico e o saber pedagógico, o saber e o saber fazer, ajudando a descobrir às crianças os conhecimentos, efetuando aprendizagens significativas, pondo em prática os saberes que adquiriu na sua formação inicial e que, posteriormente, irá adquirir na sua formação contínua, visando uma melhor compreensão da complexidade do processo de ensino e aprendizagem das crianças.

Este relatório encontra-se dividido em três capítulos principais: o primeiro incide sobre o enquadramento institucional, ou seja, a organização e administração escolar e a caracterização psicopedagógica e socioeconómica das turmas, onde efetuei o meu estágio.

No que concerne ao segundo capítulo, surge uma análise crítica e reflexiva em relação à descrição do processo e Prática de Ensino Supervisionada, remetendo às regências efetuadas e a uma sucinta auto e heteroavaliação.

Relativamente ao último capítulo, este reporta a uma breve abordagem da aprendizagem da disciplina de História e Geografia de Portugal, no 2º Ciclo do Ensino Básico (C.E.B.). Segue-se a análise dos resultados obtidos, através de um inquérito, por questionário, aos respetivos professores, nos Agrupamentos de escolas de Seia, de Gouveia, de Celorico da Beira e no Agrupamento Dr. Guilherme Correia de Carvalho, com o intuito de recolher informações acerca do processo de ensino e aprendizagem em relação à disciplina em causa visando Práticas Pedagógicas mais eficazes, profícuas e exequíveis, para uma otimização e melhoria do processo educativo.

Consequentemente, pode referir-se que a realização deste relatório proporcionou-me aplicar competências já adquiridas e desenvolver outras essenciais que, penso, ir-me-ão permitir promover práticas pedagógicas mais clarificadas, fundamentadas cientificamente e de qualidade, sempre com um carácter prospetivo, através da reflexão “na ação”, “da ação”, “sobre a ação” e “para a ação”, permitindo uma exequibilidade mais consciente, proveitosa e rentável como futuro docente.

Palavras-chave:

Ensino; História; Professor; Práticas Pedagógicas e Escolar.

Abstract

The basic school teacher has a duty to develop the student as a person, in an integral way, in other words, at all levels: physical, cognitive, social, ethical, civic, psychological, motor, emotional and intellectual. So if you meet one of the functions of education, the critical function or individualizing, the one that allows the development of the individual capacities, seeking a general education to all and it is recommended in the Law on Education to ensure a general education common to all the Portuguese that guarantees the discovery and development of their interests and skills, reasoning ability, memory and critical thinking, creativity, moral and aesthetic sensibility, promoting individual fulfillment in harmony with the values of social solidarity. In this perspective, the teacher of basic education has to learn how to interrelate theory and practice, knowledge and know-how, helping children to discover essential skills to their significant learning, gained in their initial training and, subsequently, the ones that they will acquire in their future training.

This report is divided into three main parts: the first focuses on the institutional framework, in the organization and the school administration and also on the characterization of the socio-economic and psycho educational classes where I performed my internship.

Regarding the second part, a critical analysis is made on the entire description process and Supervised Teaching Practice; here I make a reflection of all my regencies and, in the end, I also present self and observer of all my activities.










The last part, it refers to a brief approach in learning the subject of History and Geography of Portugal, in the elementary education and then I present the results based on the implementation of a survey questionnaire from the professors of that subject in the Grouping Schools of Dr. Guilherme Correia de Carvalho, Grouping Schools of Gouveia and Grouping schools in Celorico of Beira, in order to gather information about the process of teaching and learning regarding to that subject, aiming more efficient Teaching practices, profitable and feasible for an optimization of the teaching and learning process.

Therefore, it may be noted that the realization of this report has given me the chance to develop and apply skills already acquired, which I think it will allow me a more efficiency and effectiveness in my teaching practices.

Keywords

Education / Teaching; History; Teacher; Pedagogical Practices and Academic.

Siglas

-  C.E.B. – Ciclo do Ensino Básico
-  P.E.S. – Prática de Ensino Supervisionada
-  S.E.E. – Secretário de Estado da Educação
-  C.U. – Centenário Urbano
-  L.B.S.E. – Lei de Bases do Sistema Educativo
-  D.G.I.C. – Direção Geral de Inovação Curricular
-  M.I.M.E. – Monitorização de Inquéritos em Meio Escolar
-  D.E.B. – Departamento de Educação Básica
-  P.E.I. – Plano Educativo Individual

Índice Geral

Agradecimentos

Resumo

Abstract

Siglas

Índice Geral

Índice de Gráficos

Índice de Tabelas

Introdução 12

Capítulo I – Enquadramento Institucional

1.1. Organização e administração escolar 13

1.2. Caraterização socioeconómica e psicopedagógica das turmas 16

1.2.1. Caraterização socioeconómica da turma 5°C 16

1.2.2. Caraterização psicopedagógica da turma 5°C 16

1.2.3. Caraterização socioeconómica da turma 5°G 17

1.2.4. Caraterização psicopedagógica da turma 5°G 17

1.2.5. Caraterização socioeconómica da turma 6°F 18

1.2.6. Caraterização psicopedagógica da turma 6°F 19

Capítulo II – Descrição do Processo de Prática de Ensino Supervisionada 20

Capítulo III – Aprofundamento do tema escolhido

3.1. Aprender História 26

3.1.1. A História na escola 26

3.2. A disciplina de História e Geografia de Portugal na Escola 27

3.2.1. Gostar de História – Porquê? 28

3.3. O processo de ensino e aprendizagem 30

3.3.1. Os valores da História 31

3.4. As competências gerais na disciplina de História e Geografia de Portugal 33

3.4.1. Perfil do aluno competente no 2º C.E.B. 34

3.4.2. Tratamento de informação/Utilização de fontes 35

3.5. Metodologia

3.5.1. Objetivos do estudo 37

3.5.2. Sujeitos do estudo 37

3.5.3. Apresentação e análise descritiva dos resultados 37

3.5.4. Apresentação e análise inferencial dos resultados 44

3.6. Implicação do estudo para a prática profissional 46

| | |
|--|----|
| Reflexão final | 47 |
| Bibliografia | 49 |
| Anexos | |
| Anexo 1 – Projeto Educativo | 51 |
| Anexo 2 – Autorização para a implementação do inquérito por questionário | 80 |
| Apêndices | |
| Apêndice 1 – Caraterização socioeconómica da turma 5°C | 82 |
| Apêndice 2 – Caraterização socioeconómica da turma 5°G | 85 |
| Apêndice 3 – Caraterização socioeconómica da turma 6°F | 88 |
| Apêndice 4 – Inquérito por questionário | 91 |

Índice de Gráficos

| | |
|---|----|
| Gráfico 1 – Sexo | 37 |
| Gráfico 2 – Tempo de serviço em 16 de Setembro de 2011 | 38 |
| Gráfico 3 – Habilitação Académica | 38 |
| Gráfico 4 – Importância do ensino da disciplina de História e Geografia de Portugal nas escolas como disciplina obrigatória | 39 |
| Gráfico 5 – Adequabilidade da carga horária, relativa à disciplina de História e Geografia de Portugal | 39 |
| Gráfico 6 – Estrutura e adequação do currículo da disciplina de História e Geografia de Portugal | 40 |
| Gráfico 7 - Adequação dos manuais de História e Geografia de Portugal aos programas a lecionar | 40 |
| Gráfico 8 – A importância do uso de materiais, como facilitadores das aprendizagens, no decorrer das aulas de História e Geografia de Portugal | 41 |
| Gráfico 9 – Pertinência de questões como a Cidadania, os Direitos Humanos e a Identidade, inerentes ao ensino da disciplina de História e Geografia de Portugal | 41 |
| Gráfico 10 – Realização de visitas de estudo de carácter histórico | 42 |

Índice de Tabelas

| | |
|--|----|
| Tabela 1 – Hipóteses testadas | 44 |
| Tabela 2 – Hipóteses testadas (Cont.) | 45 |
| Tabela 3 – Caraterização socioeconómica da turma 5°C | 82 |
| Tabela 4 – Caraterização socioeconómica da turma 5°G | 85 |
| Tabela 5 - Caraterização socioeconómica da turma 6°F | 88 |

Introdução

O regime de docência que vigora atualmente no 2º C.E.B. pressupõe um professor por cada área disciplinar, tal implica que o professor tenha uma formação académica bastante consistente na área, de modo a poder lecionar, de forma a interrelacionar as oito áreas que estão subjacentes ao Plano Curricular do 2º C.E.B.

O presente relatório final de estágio foi realizado no âmbito da unidade curricular de Prática de Ensino Supervisionada (P.E.S), do 4º semestre do curso de Mestrado em ensino do 1º e 2º C.E.B., ministrado na Escola Superior de Educação, Comunicação e Desporto da Guarda, cujo estágio decorreu no Agrupamento de Escolas de Gouveia e na Escola de Vila Nova de Tazem, pertencente ao mesmo agrupamento.

Este relatório de P.E.S está organizado em três capítulos fundamentais. No primeiro, refere-se o enquadramento institucional, através de uma breve resenha em relação à organização e administração escolar da instituição em questão e uma sucinta caracterização socioeconómica e psicopedagógica das turmas, onde efetuei o estágio.

No que concerne ao segundo, apresento uma sucinta descrição e reflexão crítica do processo da P.E.S. e uma auto e heteroavaliação.

Finalmente, no terceiro capítulo, remeto para uma proposta de uma prática docente relacionada com o tema escolhido e relativo à área de História e Geografia de Portugal. Nesta sequência, apresento e reflito sobre os resultados do Inquérito, por questionário, que implementei em quatro agrupamentos de escolas, de forma a recolher informações acerca do processo de ensino e aprendizagem, no que se refere à disciplina de História e Geografia de Portugal, no 2º C.E.B., visando Práticas Pedagógicas mais eficazes e exequíveis.

Assim sendo, pode salientar-se que a realização deste trabalho proporcionou-me um conhecimento mais aprofundado relativamente a esta área, o que, penso, ir-me-á permitir um desempenho e futura aplicação mais eficiente, a nível das minhas práticas pedagógicas, tentando “desenvolver o conhecimento e o apreço pelos valores característicos da identidade, da língua, história e cultura portuguesa”, tal como defende a L.B.S.E., (2005, art.7º, g).

Capítulo I – Enquadramento Institucional

1.1. Organização e Administração escolar

O Mestrado que tenho vindo a frequentar surge na sequência da criação do Decreto-Lei nº 43/2007, de 22 de Fevereiro, onde se estipula que *o desafio da qualificação dos portugueses exige um corpo docente de qualidade, cada vez mais qualificado e com garantias de estabilidade, estando a qualidade do ensino e dos resultados de aprendizagem estreitamente articulada com a qualidade da qualificação dos educadores e professores*. Consequentemente inferimos a preocupação com a qualificação do corpo docente que, se pretende seja cada vez mais, uma realidade, pois da mesma depende a qualidade do ensino, de uma forma geral e a formação dos alunos, em particular. Assim, uma das dimensões mais valorizadas no novo sistema de atribuição de habilitação para a docência é a “*do conhecimento disciplinar, da fundamentação da prática de ensino, na investigação e da iniciação à prática profissional*.” Igualmente fundamental e imprescindível, na nossa perspetiva, é o domínio quer escrito, quer oral da Língua Portuguesa, bem como dos “conteúdos científicos, humanísticos ou artísticos das disciplinas da área curricular de docência.”

Neste contexto, o processo de qualificação dos professores deve passar, cada vez mais, por um trabalho de adaptação dos mesmos às características e aos desafios atuais, tendo presentes as especificidades dos alunos e dos contextos escolares e sociais. É pedido, cada vez mais, ao corpo docente que seja flexível e que apresente uma grande capacidade de adaptação às diversas mudanças que ocorrem a nível mundial, não esquecendo os novos avanços tecnológicos e as alterações sociais contínuas.

No âmbito do Mestrado, em Ensino do 1º e 2º C.E.B. foi efetuado um relatório de P.E.S. após realizado o estágio no Agrupamento de Escolas de Gouveia. A primeira fase decorreu na sede do agrupamento no 5º ano de escolaridade, nas disciplinas de Língua Portuguesa e História e Geografia de Portugal. A segunda parte realizou-se na Escola EB 2 e 3 de Vila Nova de Tazem, pertencente ao mesmo agrupamento, no 5º e 6º anos de escolaridade, na disciplina de Matemática e Ciências da Natureza respetivamente.

O Decreto-Lei nº 115 – A/98, de 4 de Maio, prevê que *a concepção de uma organização da administração educativa centrada na escola e nos respectivos territórios educativos tem de assentar num equilíbrio entre a identidade e complementaridade de projetos, na valorização dos diversos intervenientes no processo educativo, estudantes, pessoal não docente e representantes do poder local*. Através da experiência profissional que adquiri neste estágio pude constatar a aplicação do que este Decreto-Lei referente à autonomia das escolas vem estabelecer.

Criado por Despacho do SEE de 25-06-2010, o novo Agrupamento de Escolas de Gouveia entrou em funcionamento no ano letivo 2010/2011, agregando os Agrupamentos de Escolas de Gouveia e de Vila Nova de Tazem, com a Escola Secundária com 3º C.E.B. de Gouveia, numa única unidade de gestão pedagógica e administrativa.

O Agrupamento inclui a Escola Secundária com 3º Ciclo, onde funciona a sua sede, doze Jardins de Infância, doze Escolas Básicas do 1.º Ciclo, a Escola Básica do 2º Ciclo de Gouveia e a Escola do 2.º e 3.º Ciclos de Vila Nova de Tazem.

O Agrupamento de Escolas de Gouveia, enquanto comunidade de atores educativos preocupados com o sucesso pessoal e social dos seus membros, a começar pelos alunos, define determinados valores a defender, os quais, pela sua natureza, são considerados como os mais abrangentes e consensuais por todos os parceiros do processo educativo: o saber; o fazer; o saber fazer e o ser.

Associados a estes valores fundamentais, marcados com o sinal da Liberdade, Igualdade de Oportunidades, Justiça, Tolerância e Solidariedade, estão subjacentes os seguintes princípios orientadores:

- a não exclusão, entendido no sentido de criar oportunidades diferenciadas e percursos diversificados que conduzam ao sucesso educativo dos alunos, independentemente dos seus estilos cognitivos e dificuldades de aprendizagem;
- a cidadania e da participação democrática, encarando cada indivíduo da comunidade escolar e educativa como um elemento ativo e capaz de interferir de forma responsável, solidária e crítica, na escola e no meio envolvente;
- a integração, no respeito pela diferença e promovendo a efetiva promoção de igualdade de direitos e de oportunidades, independentemente da classe social, sexo, raça, etnia e religião;
- a qualidade educativa, traduzida numa otimização dos recursos disponíveis, tendo em vista a maximização do impacto do resultado das aprendizagens;
- a Inovação, enquanto busca ativa de novas práticas e processos capazes de se tornarem numa mais-valia para o desenvolvimento pessoal, social, local e global. (P.E. do Agrupamento de Escolas de Gouveia).

O edifício escolar, sede do agrupamento, obedece à tipologia Centenário Urbano (C.U.), como refere a L.B.S.E., (2005, art.42º, a), estando localizado numa cidade e possuindo três pisos, compostos por:

- o rés-do-chão, onde surgem os serviços administrativos, sociais e direção, reprografia, duas salas de diretores de turma, uma sala para receber os encarregados de educação,

duas secretarias, dois bares, cinco salas de aulas e quatro casas de banho para alunos e duas para professores;

- o 1º Piso que inclui: duas salas de professores, dezasseis salas de aula, uma sala de apoio psicológico e duas casas de banho para professores;
- o 2º Piso, onde funcionam duas bibliotecas e treze salas de aula.

O espaço exterior, reservado à prática de desportos e a momentos de lazer, está completamente vedado e comporta o parque de estacionamento, o campo de futebol, um recinto para a prática de basquetebol, um local reservado com duas mesas de ping-pong e um campo de futsal.

Apresenta também no seu interior um edifício onde fica localizado o ginásio e a cantina. Inclui outro onde funcionam as oficinas de Educação Visual e Tecnológica e possui ainda outro com dois pisos, com salas de aula, de laboratórios de química e biologia, além de casas de banho, em cada um deles.

O edifício escolar, agregado ao agrupamento, sito em Vila Nova de Tazem pertence também à tipologia do plano dos centenários (C.U.), que surgiu no Estado Novo, com António de Oliveira Salazar em 1945, considerado o ano da glória, visando comemorar dois centenários: centenário da Restauração da Independência (1640) e o da Fundação da nacionalidade (1143).

Este edifício inclui igualmente dois pisos:

- o rés-do-chão, onde funcionam os serviços administrativos, direção, reprografia, uma sala de diretores de turma, uma sala de professores, uma sala para receber os encarregados de educação, uma secretaria, um bar, quatro salas de aula e quatro casas de banho para alunos e duas para professores;
- o 1º Piso, inclui uma biblioteca, dez salas de aula, uma sala de apoio e um laboratório de ciências.

Em relação aos restantes recursos que não se referem neste capítulo podem ser consultados no Projeto Educativo do mesmo agrupamento, (**Ver anexo 1**), uma vez que são essenciais ao fomentar de Práticas Pedagógicas mais profícuas, eficazes e exequíveis, funcionando muitos deles como suportes de aprendizagem, meios, ferramentas e auxílios, tal como reitera a Organização Curricular (2005).

1.2. Caraterização socioeconómica e psicopedagógica das turmas

Devido à complexidade da educação e do aluno enquanto pessoa sabemos, atualmente que são diversos os fatores que interferem e influenciam o processo de ensino e aprendizagem, devendo nós, enquanto professores, debruçarmo-nos sobre eles e sua influência, para uma melhor compreensão dos alunos e dos seus comportamentos conducentes ao sucesso, ou insucesso escolar, tal como preconiza Perrenoud (1997).

Nesta perspetiva, presentemente, defende-se o paradigma holístico, ecológico, interativo, ou explicativo subjacente ao processo de ensino e aprendizagem, enfatizando a importância e influência dos diversos fatores internos e externos inerentes ao processo de ensino e aprendizagem, ou seja, não só, as causas intrínsecas ao indivíduo, mas também as extrínsecas, tal como defende Bronfenbrenner (1996).

1.2.1. Caraterização socioeconómica da turma 5°C

Através da análise da tabela 1, (**ver apêndice 1**), podemos constatar que, a profissão dos pais dos alunos, pertence na sua grande maioria ao setor terciário, que inclui serviços como o comércio, educação, saúde, transportes, finanças... Verificamos que os alunos vêm de famílias com habilitações académicas reduzidas, surgindo apenas dois casos em que os pais frequentaram o Ensino Superior e obtiveram o grau de licenciatura.

Sabemos que o processo de ensino e aprendizagem é influenciado por fatores extrínsecos, onde a questão das profissões e das habilitações académicas, assumem especial importância a nível da caraterização socioeconómica da família, o que se repercutirá, refletindo-se em termos socioculturais e consequentemente na aprendizagem das crianças, o que poderá levar a um maior ou menor sucesso ou insucesso escolar.

1.2.2. Caraterização psicopedagógica da turma 5°C

Neste contexto, verificamos que a turma do 5º C é constituída por dezanove alunos, dos quais oito são do sexo feminino e onze do sexo masculino, inferindo que a média de idades aponta para os dez anos, à exceção de uma aluna que tem onze anos.

A maior parte dos alunos reside na cidade de Gouveia e recorre a transporte próprio para se deslocar para a Escola, os restantes são das freguesias limítrofes e utilizam o transporte escolar, porém, a maioria dos alunos pertence a uma classe média/baixa, com poucos recursos económicos, pois oito deles beneficiam do escalão A e três, do escalão B.

Duas crianças foram propostas, no Conselho de Avaliação Intercalar do primeiro período, para uma avaliação psicológica, por revelarem bastantes dificuldades na compreensão de conceitos, na aplicação de conhecimentos, em memorizar certas noções e conteúdos das diferentes áreas, na expressão escrita e na interpretação. Estas revelaram ser pouco autónomas, apresentando marcas de dependência.

Os discentes desta turma nunca ficaram retidos no 1º C.E.B., à exceção de F e P, cuja retenção se registou, no quarto ano de escolaridade, sendo-lhes aplicado um plano de recuperação.

A turma, na totalidade, está matriculada na área disciplinar de Educação Moral, Religiosa e Católica, à exceção de L e P.

O grupo é um pouco heterogéneo relativamente à autonomia no trabalho e aproveitamento, podendo assim, afirmar-se que é constituído por três níveis de desempenho.

Com apenas dificuldades pontuais, surgem: B, N, Q, R e S; com certas lacunas, F, K e P e os restantes, encontram-se em situação intermédia.

No que concerne ao comportamento, a turma, na sua globalidade, satisfaz, embora inclua certos alunos extremamente faladores e irrequietos. Estas manifestações exigem, por parte do professor, a definição de estratégias tendentes a minorar o comportamento agitado e a melhorar o desempenho destes e consequentemente o seu nível cognitivo.

O aproveitamento global da turma é satisfatório.

1.2.3. Caraterização socioeconómica da turma 5ºG

Fazendo uma análise da tabela 2 (**ver apêndice 2**), podemos constatar que, a profissão dos pais dos alunos, pertence na sua maioria ao setor terciário, pois as mesmas incluem serviços como o comércio, educação, saúde, transportes, finanças... Neste âmbito inferimos que os alunos provêm de famílias com habilitações académicas de nível superior, verificando-se cinco casos em que os pais frequentaram o Ensino Superior, obtendo o grau de licenciatura.

Constatamos, ainda, que existe um número significativo de pais desempregados, perfazendo um total de sete.

1.2.4. Caraterização psicopedagógica da turma 5ºG

A turma do 5º G é constituída por dezoito alunos, sendo metade do sexo feminino e nove do sexo masculino. A média de idades é de dez anos, à exceção de um aluno com onze anos.

A maioria reside na freguesia de Vila Nova de Tazem e utiliza o transporte público para se deslocar para a Escola. Igualmente, a maioria pertence a uma classe média/baixa, com fracos recursos económicos, pois três deles beneficiam do escalão A e oito do escalão B.

As crianças R e S foram propostos, no Conselho de Avaliação Intercalar do primeiro período, para uma avaliação psicológica, por demonstrarem sérias dificuldades na compreensão de conceitos, na aplicação de conhecimentos, em memorizar noções e conteúdos das diferentes áreas, na expressão escrita e na interpretação. Estes revelam pouca autonomia, sendo bastante dependentes, pelo que a sua heteronomia deve ser ultrapassada.

Os discentes desta turma nunca ficaram retidos no 1º C.E.B, à exceção de R, cuja repetência se registou no quarto ano de escolaridade e foi-lhe aplicado um plano educativo individual (P.E.I.).

O aluno Q veio transferido da Escola do 1º C.E.B de Rio Tinto e foi-lhe aplicado um P.E.I., desde o segundo ano.

Toda a turma está matriculada na área disciplinar de Educação Moral, Religiosa e Católica, à exceção de um aluno.

O grupo é um pouco heterogéneo relativamente à autonomia no trabalho e aproveitamento, podendo assim, afirmar-se que é constituída por três níveis de desempenho: com certas dificuldades surgem H, I, J, O e P; com dificuldades significativas aparecem R e S e os restantes posicionam-se numa situação intermédia.

O comportamento dos alunos da turma é, na sua globalidade, satisfatório, embora sejam faladores e irrequietos, com um comportamento que, bem canalizado, pode ser sublimado, valorizando-os, elevando-lhes a auto-estima e trazendo benefícios à aprendizagem. Estas manifestações exigem, por parte do professor, a definição de estratégias adequadas e tendentes a minorar os comportamentos deficitários.

O aproveitamento global da turma é satisfatório.

1.2.5. Caraterização socioeconómica da turma 6ºF

Fazendo uma análise da tabela 3 (**ver apêndice 3**), podemos constatar que, a profissão dos pais dos alunos, pertence na sua grande maioria ao setor terciário, que incluiu serviços como o comércio, educação, saúde, transportes, finanças... Consequentemente inferimos que os alunos são oriundos de famílias com habilitações académicas médias, verificando-se que, na sua maioria, concluíram o 9º ano, sobressaindo seis casos em que os pais frequentaram o Ensino secundário, ou seja, terminaram o 12º ano.

1.2.6. Caraterização psicopedagógica da turma 6º F

A turma do 6.º F é constituída por dezoito alunos: onze são do sexo feminino e oito do sexo masculino. A média de idades é de onze anos.

A maioria destes reside na freguesia de Vila Nova de Tazem e utiliza o transporte público para se deslocar para a Escola. Igualmente, a maioria pertence a uma classe média / alta, com poucos recursos económicos, pois cinco deles beneficiam do escalão A e quatro do escalão B.

As crianças C, E, G e J, foram propostas, no Conselho de Avaliação Intercalar do primeiro período, para uma avaliação psicológica, por deixarem transparecer grandes dificuldades na compreensão de conceitos, na aplicação de conhecimentos, em memorizar noções e conteúdos das diferentes áreas, na expressão escrita e na interpretação. Estes alunos revelam pouca autonomia, sendo preocupante a nível da aquisição de conhecimentos e na extrapolação para novos conteúdos, como defende Santos (1977), através das transferências de aprendizagem.

Os discentes desta turma nunca ficaram retidos no 1º C.E.B, nem no 5º ano do 2º C.E.B. Todos os alunos estão matriculados na área disciplinar de Educação Moral, Religiosa e Católica.

A turma é um pouco heterogénea relativamente à autonomia no trabalho e aproveitamento, podendo assim, afirmar-se que é constituída por três níveis de desempenho.

O comportamento é, na sua globalidade, bastante satisfatório, embora, por vezes, sejam um pouco faladores. Estas manifestações exigem, por parte do professor, a definição de estratégias e a promoção de atividades que impliquem um constante envolvimento do aluno de modo a canalizar e sublimar as suas energias, no aprender fazendo, “Learning by doing”, visando verdadeiras aprendizagens duradouras no tempo e suscetíveis de serem aplicadas a novas situações, por transferências de aprendizagem (Salema, 1997), tendentes a minorar o referido comportamento.

O aproveitamento global da turma é bastante satisfatório.

Capítulo II - Descrição do Processo de Prática de Ensino Supervisionada

A P.E.S. surge no 2º ano do curso de Mestrado em Ensino do 1º e 2º C.E.B. e desde muito cedo é designada por estágio. No meu caso, a P.E.S. apenas se realizou no 2º C.E.B. uma vez que já havia sido efetuado o estágio no 1º durante a minha formação inicial de licenciatura, em Professores do 1º C.E.B.

De acordo com o Decreto-Lei n.º 240/2001, de 30 de Agosto, que refere o perfil de desempenho profissional dos professores do 1º e 2º C.E.B., observa-se que os mesmos, como profissionais de educação, têm a função de ensinar e exercem a sua atividade profissional na escola, de modo a desenvolverem ao máximo todas as capacidades do aluno, identificando e respeitando as diferenças pessoais e culturais dos alunos, expressando competência relacional e de comunicação, além de equilíbrio emocional.

Para que o processo seja exequível, é imprescindível que aqueles que se candidatam à docência tenham contacto com a realidade escolar, pois não se poderá ensinar devidamente, se não se aprender a ensinar e não se souber o que se vai ensinar. Por outro lado, só se aprende a ensinar, ensinando, ou seja, todo aquele que tiver dentro de si mesmo o germen e o sentido de ensinar tem de passar pela experiência de viver a realidade do dia-a-dia, na escola, em permanente contato com os alunos, o seu público-alvo.

O Decreto-Lei n.º 43/2007, de 22 de Fevereiro, define as condições necessárias para a obtenção da habilitação para a docência, explicando como é fundamental a iniciação à prática profissional, obtida através da prática de ensino supervisionada. Esta é encarada como um momento privilegiado e insubstituível de aprendizagem, e de mobilização dos conhecimentos, capacidades, competências e atitudes, adquiridas noutras áreas, incidindo na produção, em contexto real, de práticas profissionais adequadas a situações concretas na sala de aula.

No que concerne à P.E.S., que desenvolvi, no 2º C.E.B., integrada no 4º semestre, do curso acima referido, ministrado na Escola Superior de Educação, Comunicação e Desporto da Guarda, decorreu no Agrupamento de Escolas de Gouveia. Escolhi este estabelecimento de ensino por ser o da minha área de residência.

Foi um estágio que incidiu nas quatro áreas de formação: Língua Portuguesa, História e Geografia de Portugal, Matemática e Ciências da Natureza. As duas primeiras foram ministradas na sede do agrupamento e as duas últimas, na Escola EB 2 e 3 de Vila Nova de Tazem, pertencente a este mesmo agrupamento.

Segundo o Decreto-Lei n.º 115-A/98, de 4 de Maio *o desenvolvimento da autonomia das escolas exige, porém, que se tenham em consideração as diversas dimensões da escola, quer no tocante à sua organização interna e às relações entre os níveis central, regional e local da administração (...), quer na constituição de parcerias socioeducativas que garanta uma iniciativa e a participação da sociedade civil.*

Antes de iniciar as minhas regências, reuni com os professores titulares de cada área e com os professores orientadores, para que estes me orientassem em relação às diretrizes do estágio e sobre quais os passos a seguir, os períodos a reger, em cada uma das áreas e sugestões de atividades.

Assim, no que concerne às minhas regências comecei a lecionar a disciplina de Língua Portuguesa com a Professora Helena Ventura, como professora cooperante e a Professora Elisabete Brito como professora orientadora.

Anteriormente, neste contexto, efetuei durante duas aulas observação para que pudesse conhecer um pouco o clima pedagógico e relacional da turma e o método de ensino da professora, ao qual os mesmos já estavam habituados. De seguida, encetei as minhas regências. Considero que os objetivos foram alcançados, na sua maioria, pois consegui ajudar os alunos a descobrirem e a consolidarem os conteúdos que tinha planificado. Consequentemente, pude aperceber-me que a turma era pouco homogênea, implicando a minha atenção constante para novas situações que foram ocorrendo e que exigiam novas posturas pedagógicas com atitudes e respostas diversas e adequadas a cada um, visando colmatar essas mesmas situações e tentando ultrapassá-las.

Verifiquei que apesar de uma ou outra aula não corresponder ao desejado e alguns alunos não adquirirem e aprenderem verdadeiramente todos os conteúdos pretendidos e necessários, a forma como os abordei e explorei, tentando explicá-los e aprofundá-los, de forma bastante metódica e produtiva, resultou *a posteriori*.

É de salientar o início do estudo da obra “Chocolate à Chuva”, de Alice Vieira, em que os alunos se mostraram bastante motivados e interessados, tentando perceber o que se iria passar no capítulo seguinte, suscitando assim, a curiosidade e a vontade de descobrir o desconhecido, essenciais no processo de ensino e aprendizagem, para a exploração de conteúdos, promovendo sempre a realização de aprendizagens significativas e futuras transferências de aprendizagem (Santos, 1977).

As minhas regências debruçaram-se, essencialmente, sobre o texto narrativo, análise e discussão de textos apresentados pelo manual, sempre com o aprofundamento do conhecimento explícito da língua, tão imprescindível ao aprofundar e explorar da mesma, pretendendo uma futura correção e clareza de expressão escrita e oral.

Desta forma, devo salientar que foi um gosto, realizar as regências de Língua Portuguesa nesta turma, constatando como o trabalho permanente e consistente gera aprendizagens significativas e duradouras. (Ausubel, 1976).

Em sequência, e quase em simultâneo, ocorreram as minhas regências na disciplina de História e Geografia de Portugal, com o Professor Paulo Sousa, como cooperante e a Professora Ana Lopes, como orientadora.

Neste âmbito, realizei *a priori* quatro observações às aulas do professor titular, uma vez que, e apesar de já conhecer a turma, pois foi a mesma em que lecionei a área de Língua Portuguesa, não conhecia o método de ensino do professor.

Na sequência dessas observações, efetuei as minhas regências que se mostraram, logo desde o início, bastante motivadoras e satisfatórias, segundo a opinião crítica do professor titular. Assim, ficou a meu cargo lecionar toda a matéria referente aos descobrimentos portugueses, desde o reinado de D. João I, o da “Boa Memória”, até ao de D. Manuel I, o “Venturoso” e conteúdos essenciais que constituirão referências fundamentais para os alunos, ao longo da vida.

Foi um gosto para mim lecionar a disciplina de História e Geografia de Portugal, pois consegui aperceber-me que os alunos iam descobrindo e adquirindo os conteúdos que em cada aula nos propúnhamos explorar e aprofundar, segundo os objetivos subjacentes, mas sempre tendo o cuidado de os contextualizarmos, ajudando-os a localizá-los no tempo e no espaço, com o auxílio essencial e imprescindível do friso cronológico.

As aulas eram dinâmicas, mas visando um maior contacto com a realidade e a observação “*in loco*”, sugeri ao professor titular, realizar uma visita de estudo à cidade da Batalha e a Belém (Lisboa), para aprofundar o tema em questão, mas de uma forma mais interativa e direta com o mundo exterior, partindo da observação e da experiência, através da vivência com a realidade, pois as aprendizagens devem ser diversificadas e o mais próximo da realidade. Assim, reiteramos Sprinthall (1993), que defende, salientando que o que se ouve apreende-se, apenas entre 30% e 40%; o que se ouve e visualiza retém-se, entre 60% e 65% e o que se ouve, visualiza e experimenta apreende-se, entre 90% e 95%. Consequentemente, no dia 9 de maio, do ano corrente levei a turma do 5º C a visitar o Mosteiro da Batalha, o Mosteiro dos Jerónimos e o Museu da Marinha. Estava também planeado visitarmos a Torre de Belém, mas como demoramos mais tempo na Batalha e nos Jerónimos, pois foram inúmeras as questões que os alunos fizeram, revelando interesse, empenho e a satisfação inerentes às aprendizagens ativas e enriquecidas pelo conhecimento da realidade e do mundo exterior, a mesma não foi possível uma vez que o tempo tinha-se esgotado. Optei, assim por efetuar uma visita mais aprofundada ao Museu da Marinha.

Foi uma aula bastante proveitosa, pois os alunos envolveram-se verdadeiramente, fazendo perguntas e participando imenso, demonstraram interesse, realizando aprendizagens significativas, pelo que foi necessário parar, em certos monumentos da visita e fazer uma explicação mais pormenorizada, relacionando-a com os conteúdos a aprofundar e a explorar. Esta foi uma das melhores regências que experienciei e uma aula que considero sem precedentes, ao nível do estágio que desenvolvi.

Nesta sequência, as minhas regências continuaram e quando chegou a parte final, senti um enorme desejo de continuar a lecionar indefinidamente, se tal fosse possível. Assim sendo,

perguntei ao professor titular se podia concretizar o meu desejo e de imediato, o professor respondeu afirmativamente, o que foi para mim motivo de grande alegria, pois inferi que a minha postura e desempenho deveriam ser adequados e de qualidade, para ser autorizada a permissão solicitada.

Chegado o momento da avaliação, o professor titular incumbiu-me a realização da ficha de avaliação, o que expressou e traduziu a confiança em mim depositada. Delineei-a e efetuei toda a sua correção.

Nos momentos finais, das minhas vinte e duas regências, referentes à disciplina de História e Geografia de Portugal, promovi uma aula cujo tema se relacionava, de novo, com os descobrimentos e as especiarias vindas da Índia. Neste contexto, apresentei aos alunos um baú fechado, a cadeado. Tal, visava uma motivação inicial, criando suspense e curiosidade, tentando em simultâneo, demonstrar como eram transportadas as mercadorias. Posteriormente, abri o baú com a ajuda da Professora Ana Lopes, mostrando as especiarias trazidas da Índia aos alunos, para eles as visualizarem e observarem, concretizando, podendo ver, cheirar e manipular, como defende Mialaret (1975), verificando-se assim uma melhor retenção dos conteúdos, pois os materiais são essenciais como ferramentas, auxílios, meios, apoios e suportes de aprendizagem, (O.C. 2006:167). No final desta aula, apresentei e explorei uma música retirada do álbum, “Auto da Pimenta”, intitulada, “País do Gelo”, inteiramente relacionada com os conteúdos a estudar. Os alunos ouviram-na e resolveram uma ficha que incidia sobre a mesma. Foi um momento também ele, cheio de surpresas, tanto para os alunos, como para mim, pois senti que houve verdadeiras aprendizagens que se interligaram e relacionaram.

Após terminadas as regências de Língua Portuguesa e de História e Geografia de Portugal, seguiram-se as de Matemática e Ciências da Natureza.

Iniciei assim, com a disciplina de Ciências da Natureza, e como não poderia deixar de ser, fiz uma observação das aulas da professora titular, visando conhecer a turma e a forma de ensinar da professora.

Comecei as minhas regências em relação à disciplina de Ciências da Natureza. As duas primeiras não correram como o inicialmente previsto, pois os alunos eram muito pouco participativos e debruicei-me demasiado sobre o manual, atitude que se deve evitar, devido a gerar um clima de mais passividade em detrimento do aprender/fazendo e das aprendizagens ativas, sendo assim, uma aprendizagem mais empobrecedora e redutora.

As aulas seguintes, melhoraram significativamente, promovendo a realização de várias experiências relacionadas com a acumulação de reservas por parte das plantas, a germinação e a constituição da flor. Estas aulas foram bastante proveitosas e motivantes, pois os alunos gostam de ser eles próprios a descobrir e a experimentar, manipulando os materiais, chegando a algumas conclusões, verificando, constatando e fazendo. No final, deviam elaborar um relatório sobre cada atividade e descrever os materiais utilizados, referindo o que acontecia após a

obtenção dos resultados. Foi um momento extremamente enriquecedor e de aprendizagens ativas, diversificadas e significativas (O.C. 2004:23).

Os temas seguintes a explorar foram relativos aos micróbios e às drogas. Para aprofundar estes conteúdos, além do manual, recorri à projeção de PowerPoint, explicando e aprofundando a matéria. Neste momento, fui pedindo aos alunos que fossem anotando as conclusões do que estava a ser apresentado. Desta forma, envolvi-os nos conteúdos e na sua aprendizagem, permitindo uma melhor interiorização dos mesmos, o que é essencial e imprescindível para que se verifiquem verdadeiras aprendizagens, duradouras no tempo e passíveis de serem aplicadas a novas situações.

Finalmente, efetuei duas observações às aulas da professora titular da disciplina de Matemática, pois a turma não era a mesma de Ciências da Natureza e havia a necessidade de conhecer os alunos e também o método de ensino da docente.

Iniciei o estudo das frações equivalentes, recorrendo a alguns exercícios e ao manual para explicitar o mesmo. Os alunos não se mostraram muito interessados e participativos à exceção dos considerados bons alunos. Os outros não prestavam atenção e ainda distraíam os restantes. Assim, não foi fácil, mas após verificarem o meu método de ensino, que põe a tónica e insiste em levar os alunos a descobrirem, por eles próprios, as diversas soluções dos problemas apresentados, de forma clara, precisa e objetiva, começaram a prestar atenção. Promovi e desenvolvi o cálculo mental (O.C., 2004), pois sem ele não há boas aulas de matemática. Pedi que justificassem e explicassem os seus raciocínios: o que fizeram, como e porquê, como defende Salema (1997). Assim, sentiram-se mais motivados, estando mais sossegados, durante as minhas explicações.

Abordei e aprofundei a comparação e ordenação de frações, a adição e subtração das mesmas. Nesta sequência, levei algumas fichas com exercícios para os alunos resolverem, após eu explicar os passos essenciais dos raciocínios e dos cálculos subjacentes aos mesmos. Com vista a uma posterior consolidação, recorri, também a vídeos de exemplificação da “Escola Virtual”, para que os alunos de uma forma mais interativa, conseguissem adquirir os conteúdos. Perante o dia da avaliação, facultei o teste e corriji metade, pois como já fora elaborado em departamento não me foi possível esta experiência, contudo pude corrigi-lo e perceber como se procede à correção de exercícios matemáticos.

No final, ainda houve tempo para dar a noção de percentagem e cálculos inerentes, recorrendo igualmente a vídeos da “Escola Virtual”, para exemplificação e pedindo, mais uma vez, aos alunos para explicarem os processos mentais utilizados, levando à metacognição, como defende Salema (1997).

Após terminado este estágio, penso que dar aulas no 2º C.E.B., é uma experiência completamente enriquecedora, revigorante e motivadora, no que diz respeito ao processo de

ensino e aprendizagem, sendo bastante gratificante como docente, como profissional e como ser humano.

Compreendi que, forçosamente, muitas são as vezes em que temos de fazer alterações ao que inicialmente está planificado, pois diversas são as condicionantes que temos de enfrentar, enquanto professores: as turmas que diferem umas das outras; as áreas que, por vezes, são bastante variadas, em termos de conteúdos e os recursos que, frequentemente, não temos.

Senti uma enorme diferença em relação ao estágio do 1º C.E.B., pois neste apenas nos é atribuída uma turma, porém no 2º C.E.B., não só, temos mais do que uma turma, como podemos ter turmas do 5º, ou do 6º ano, graus de ensino bastante diferentes, com exigências muito diversificadas, nas quatro áreas de influência deste mestrado.

Espero um dia, e “a esperança é a última a morrer”, poder estar de novo a lecionar, no 2º C.E.B.. Sou crente sim, e enganam-se aqueles que pensam e acreditam que “a sorte é só para aqueles que sempre a tiveram”, sim pois considero uma sorte poder ter de novo “nas mãos” uma turma a quem possa transmitir os meus conhecimentos, da maneira que mais gosto, que é envolver os alunos nas aprendizagens, ajudando-os a descobrir e a construir o seu próprio saber.

Uma visão um pouco generalista, foi aquela com que fiquei após ter terminado o estágio e, como já referi anteriormente, espero vir a ter uma perspetiva mais aprofundada a curto prazo, pois cada vez mais me consciencializo que ser professor e ensinar é a minha vocação. Sinto-me verdadeiramente realizado e pleno na verdadeira aceção da palavra e como tal, tenho a convicção de que a minha formação não acaba aqui, visando uma realização cada vez mais cabal e enriquecedora.

Capítulo III – Aprofundamento do tema escolhido

3.1. Aprender História

Relativamente à História, a necessidade de pensar em termos de desenvolvimento parece agudizar-se, essencialmente, devido ao carácter especialmente complexo da disciplina, à atração que apesar disso ela exerce e às necessidades formativas, afetivas e intelectuais a que responde.

Várias vezes se tem encarado o problema do ensino da História perante uma perspectiva de desenvolvimento psicológico assentando em dois pontos distintos. O primeiro, que a sua complexidade científica e metodológica, aconselha a que seja remetida para os últimos níveis da escolaridade; o segundo, que há um processo de aproximação gradual da História, caracterizável também em estádios, ou paradigmas próprios de cada nível etário, constituindo cada um deles um pré-requisito necessário para o acesso ao seguinte. Nesta perspectiva a História deve estar presente nos *curricula*, desde cedo, evoluindo de acordo com os níveis etários.

Neste âmbito, a segunda destas concepções é a que se ajusta e responde às necessidades que observamos nos alunos e à utilização educativa da História nos *curricula* das sucessivas fases de percurso escolar, tendo subjacente, não só, os estudos teóricos existentes, mas também a prática quer pessoal, quer observada, de docência desta área, sobretudo a crianças ou pré-adolescentes.

3.1.1. A História na escola

Conseguir suscitar nos alunos o gosto pela disciplina de História e Geografia de Portugal e ser capaz de o fazer adequadamente, nos diferentes estádios do seu desenvolvimento, é esse o desafio que surge aos professores.

O modo de concretizar na prática esta concepção, passa, segundo Marques (1995:102) pela resolução de algumas questões quer ao nível dos princípios, quer ao nível dos métodos de trabalho a implementar, sendo essencial:

- ✓ admitir que ensinar com rigor científico não significa, simplesmente, transpor a ciência para a aprendizagem, mas requer a adequação dos conteúdos de ensino às necessidades e possibilidades dos alunos e aos objetivos da educação;
- ✓ reinventar processos de trabalho, estudá-los, experimentá-los e avaliá-los, de modo a encontrar o nível desejado de adequação, sucesso e rigor na aprendizagem da História, de forma progressiva.

3.2. A disciplina de História e Geografia de Portugal no 2º C.E.B.

A presença da disciplina de História no currículo do ensino básico encontra a sua justificação, no sentido de que é através dela que o aluno constrói uma visão global e organizada de uma sociedade complexa, plural e em permanente mudança. É aliás por seu intermédio que o aluno constrói a sua identidade, sentindo-se pertença de um povo e de uma nação. A função do professor de História, enquanto agente que participa na construção do conhecimento histórico, é enquadrar o aluno no estabelecimento dos referenciais fundamentais em que assenta essa tomada de consciência do tempo social, estimulando-o a construir o saber histórico, através da expressão de "ideias históricas" na sua linguagem, desde os primeiros anos de escolaridade. Esta construção do pensamento histórico é progressiva e gradualmente contextualizada, em função das experiências vividas. De facto, a pesquisa existente em cognição histórica sugere alguns princípios a ter em consideração no desenvolvimento e avaliação das aprendizagens dos alunos:

- o saber constrói-se a partir das vivências dentro e fora da escola: o meio familiar e os media fornecem aos alunos ideias, mais ou menos adequadas, mais ou menos fragmentadas, sobre a História. Compete à escola explorar estas ideias tácitas e ajudar o aluno a desenvolvê-las numa perspetiva de conhecimento histórico;
- não existe uma progressão linear e invariante da aprendizagem; embora o pensamento histórico tenda a evoluir com a idade, há crianças de 7 anos que, em contextos específicos, manifestam um grau de elaboração mental semelhante às de 14 anos, e vice-versa;
- o pensamento histórico envolve, não só, a compreensão de "conceitos substantivos" (por exemplo: democracia ateniense, ou revolução industrial), como também a compreensão implícita de conceitos referentes à natureza do saber histórico (por exemplo: fonte, interpretação, explicação e narrativa).

As metodologias que os alunos experienciam veiculam uma determinada leitura destes conceitos: se a simples memorização da informação apresenta a História como um relato fixo do passado, propondo uma postura passiva perante o saber, a construção de inferências a partir de fontes diversas indicia uma visão da História apta a fornecer ferramentas intelectuais indispensáveis à interpretação e explicação da realidade, que é dinâmica. Foi nesse sentido que se elaborou um documento que determinasse os pontos de ancoragem da gestão curricular dos programas em vigor que tornem significativa e pertinente a relação com o saber histórico. As competências específicas foram definidas a partir do que se considera como os três grandes núcleos que estruturam esse saber:

- tratamento de Informação/Utilização de Fontes;
- a Compreensão Histórica.

Esta última está consubstanciada nos diferentes vetores que a incorporam: a temporalidade, a espacialidade e a contextualização, a Comunicação em História. Estes núcleos

de competências, formulados a partir da análise dos programas do Estudo do Meio (1.º ciclo), História e Geografia de Portugal (2.º ciclo) e História (3.º ciclo), emergem da necessidade de encontrar elementos que garantam a articulação e unidade fundamental desses programas, em alguns momentos de articulação porventura menos conseguida, e também de proporcionar aos professores um sentido, um caminho comum de construção das aprendizagens específicas da História, no percurso da escolaridade básica.

Não tendo a pretensão de substituir os respetivos programas o que é apresentado a seguir é uma proposta de enquadramento dos diversos elementos que os constituem, na perspetiva de uma gestão curricular mais equilibrada e aberta desses programas, e mais consentânea com a nova conceitualização, cuja configuração genérica é dada pelo perfil de competências gerais e respetiva operacionalização transversal. Na verdade, valorizando-se a utilização pertinente do conhecimento de acordo com as necessidades e as situações, torna-se fundamental a organização do ensino e aprendizagem em vetores claros e bem definidos, sustentado em experiências de aprendizagem específicas que possam favorecer, a construção de esquemas conceituais que ajudem a pensar e a usar o conhecimento histórico de forma criteriosa e adequada e que contribuam para o perfil de competências gerais. No caso específico da História, a articulação com as competências gerais far-se-á a dois níveis. A um primeiro nível quando essa articulação é direta e imediata entre a formulação das competências específicas da História e determinadas competências gerais. Isso significa que, no contexto da História, a operacionalização transversal dessas competências gerais materializa-se no próprio exercício das competências específicas, tal com estão definidas.

3.2.1. Gostar de História – Porquê?

A maioria dos alunos do 1º e 2º C.E.B., manifesta uma grande apetência por começar a “estudar História”.

No ensino do 1º C.E.B., em que o programa de Estudo do Meio integra apenas uma perspetiva histórica muito genérica, referindo os momentos mais significativos, ainda um certo interesse se mantém e a expectativa de vir a voltar àqueles assuntos parece atraente. Mas, à medida que os alunos do 5º ano avançam no programa, começam a aumentar os sinais de desinteresse e, o que é mais grave, a apresentar níveis decrescentes de sucesso. Um aspeto arrasta outro e verifica-se que a História de Portugal tem ocupado, em geral, um 3º, ou 4º lugar nas taxas de reprovação.

Com a entrada no 3º C.E.B., sobretudo no 7º ano, o distanciamento do aluno agrava-se face à complexidade e abstração crescentes dos conteúdos, conceitos e métodos.

Daí em diante, a situação, em geral, clarifica-se em duas direções divergentes: alguns dos alunos não querem mais ouvir falar de História e quase sempre optam, nos anos terminais, por áreas que não a incluam; outros, apesar de tudo, começam a encontrar interesse intelectual pelos temas a estudar e, dominando-os já mais facilmente, entusiasmam-se, aderem e gostam.

Naturalmente, não se pretende generalizar abusivamente, todos sabemos de muitos casos em que se mantém vivo, entusiasmante e bem-sucedido o trabalho nesta disciplina, mesmo com alunos de níveis etários diferentes.

O que interessará vir a investigar é que razões, nesses casos, estarão na base de êxito e do agrado:

- os diferentes conteúdos e métodos de trabalho?
- **a mobilização, a observação e manipulação de diversos materiais sugestivos?**
- o apelo à dimensão vivida e pessoalizada dum passado rico de ação e descoberta?
- o reencontro do novo no antigo, do próximo no longínquo?
- a capacidade de integrar a adesão emocional com o enriquecimento do saber?

Se cada um de nós, os que gostamos de História, procurar recordar-se como tudo começou, talvez se encontre com alguns dados curiosamente coincidentes. Eu, pessoalmente, ainda me lembro, por exemplo, de no 4º ano gostar de ouvir falar nos reis, de pensar em tudo o que eles foram capazes de fazer, nas suas descobertas, nas suas batalhas e conquistas, nas suas próprias vidas. Imaginava e questionava ainda: as casas da altura como seriam, e o 1º Rei de Portugal, como teríamos perdido a independência em relação a Castela e como se teria dado a Restauração da Independência, com D. João IV; como teria ele coroado Nossa Senhora, como Rainha de Portugal, entre muitos outros acontecimentos.

Contudo, o que me parece importante destacar, é o problema do aluno que não gosta e não tem interesse perdendo, por isso, imenso e não só, a oportunidade de aprender bem e agradavelmente, mas mais do que isso, fica sem uma das possibilidades mais ricas e gratificantes de se entender como pessoa, de compreender a sociedade que é a sua, no contexto multifacetado do mundo do seu tempo; além, de se posicionar com uma atitude crítica, curiosa e interessada face ao devir em que participa. Assim, escapa-lhe algo essencial, não só à sua formação pessoal, mas também ao prazer de viver compreendendo.

3.3. O processo de ensino e aprendizagem

Outra dimensão que foi esquecida durante muito tempo e que só pode ser recuperada criteriosamente, é o papel formativo a retirar do ensino de História, em cada fase da aprendizagem.

É necessário que esta preocupação não se confunda com intuítos normalizantes, ou doutrinadores, tantas vezes utilizados para a manipulação dos jovens e não, para o seu desenvolvimento.

O que importa realçar é que aprender História é formativo, de modos diversos, ao longo da evolução do jovem, uma vez que:

- a criança que aprende com entusiasmo factos ocorridos no passado, na perspetiva atrás descrita, tem oportunidade de alargar e diversificar as referências de que necessita para a sua socialização, para a estruturação gradual da sua identidade pessoal e constituem a base da futura sistematização de valores de cada indivíduo;
- à medida que o aluno avança para um acontecimento mais detalhado do real, descobrindo contrastes, confrontando situações, compreendendo experiências, dificuldades, esforços vividos, por pessoas de outras épocas, vai enriquecendo o campo da sua experiência, desenvolvendo a sua capacidade de apreciação e valorização; identificações e rejeições que fazem parte deste processo;
- desenvolvem-se capacidades e técnicas de procura de informação, hábitos de leitura e estudo, gosto pela descoberta e pelo saber; os indivíduos e acontecimentos estudados constituem-se, para o adolescente, em categorias, positivas ou negativas, que vão contribuindo para a sua formação;
- na fase mais adiantada desta progressão, a História torna-se formativa numa dimensão mais englobante. Assim, para além dos aspetos referidos nas etapas anteriores, e incorporando-os, permite o desenvolvimento de uma atitude reflexiva e crítica, a aquisição de hábitos de rigor e análise, a interiorização de valores pessoais, o enriquecimento da compreensão dos fenómenos sociais e, paralelamente, à resolução de problemas e à prática mais consciente da cidadania;
- será maior o sucesso da Escola, se as aprendizagens de facto ocorrerem e forem funcionais e acreditamos, principalmente, que será mais elevado o sucesso dos alunos, porque sairão da escola mais informados, mais conscientes, mais aptos para a vivência e a prática da democracia.

Acreditamos que uma pessoa bem formada e informada, sentindo-se bem consigo e compreendendo o seu envolvimento, tem mais possibilidades de analisar a realidade com um

olhar crítico, e mais humanizado, tendo consciência do seu lugar irrepetível no percurso humano, através dos tempos. Não poderá então deixar de ser, pensamos nós, um Homem mais rico, uma pessoa mais feliz e um cidadão mais interveniente.

3.3.1. Os valores da História

A formação da personalidade e da identidade de cada indivíduo carece, na infância e adolescência, de referências consistentes, provenientes do universo dos adultos, que lhe permitam rejeitar e aderir, seleccionar e excluir, construindo progressivamente um sistema pessoal de valores. A inexistência destes referentes são geradoras da angústia e ansiedade que o jovem tenta resolver, “agarrando-se”, às vezes acriticamente, a sistemas que lhe pareçam oferecer gratificação pessoal, estabilidade e inserção num quadro ideológico.

A par destes problemas, e um pouco como tentativa de lhes responder, apela-se para a Escola como importante polo de transmissão e dinamização, explícita ou implícita, de valores.

A este nível, que é o das nossas preocupações, diversas considerações prévias devem ser postas à reflexão dos responsáveis pela educação, segundo Roldão (1991:94):

- *A escola desempenhou historicamente um papel predominante na veiculação e reprodução doutrinadora de valores vigentes, frequentemente os impostos pelos detentores do poder em cada época ou sociedade.*
- *O papel reprodutor da escola nos nossos dias, embora subsista, deve já ser entendido num contexto diferente: porque cada vez mais à escola se vêm cometendo outras funções, desde a inovação à investigação, da dinamização da comunidade à correção ou atenuação das disparidades socioculturais; porque a sociedade pós-industrial em que vivemos dispõe já de inúmeras outras instâncias de transmissão de valores e formação ou até manipulação de mentalidades que relativizam o papel das instituições educativas tradicionais, Escola e Família.*
- *As expectativas excessivas quanto ao papel “salvador” da Escola na promoção de valores democráticos e na preparação de cidadãos podem saldar-se em meras utopias ou fracassos.*

É inegável que a Escola forma pessoas e age na construção de valores. Sempre o fez. Mesmo quando, na aparência, a escola era “inocentemente” a transmissora de conteúdos disciplinares, as vivências e o convívio, as regras e as transgressões, o universo relacional, os modelos e os anti-modelos eram, e são, outras tantas formas de fazer passar, sem aparentemente se dar por isso, valores, ideologias, atitudes. É este como se sabe, o currículo escondido ou implícito.

Nesta perspectiva também a História foi, no seu longo percurso de gestação como Ciência, quase sempre encarada, como “a mestra da vida”, como um saber simultaneamente vocacionado a garantir a sobrevivência do passado e a retirar da experiência exemplos desse passado, como as lições “morais” necessárias às gerações vindouras, para que as párias, ou as nações, ou os impérios, se legitimassem e fortalecessem à sombra desses ensinamentos.

À medida que a História se foi afirmando como saber objetivo e conquistando gradualmente um estatuto de Ciência, a vertente moralizante foi perdendo as suas componentes de exaltação patriótica e o seu carácter de moral nacional. Mas não se perderam, com a conquista do estatuto de Ciência, componentes entendidas como intrínsecas ao próprio objeto e método da História referindo:

- ✓ o importante contributo para a estruturação da memória coletiva, construtora de diversas identidades;
- ✓ o carácter necessariamente formativo, não confundido com normativo, devido ao facto de lidar com situações humanas vividas que incluem, na sua complexidade, opções, valores, decisões, formas de organização social e política, revoluções e crises, material que sempre suscitará para além da necessidade de explicar, a possibilidade de debater, confrontar pontos de vista, adquirir referências e refletir criticamente;
- ✓ a aquisição e domínio de métodos de análise de situações sociais, o desenvolvimento do sentido crítico e do rigor de pensamento, a promoção de perspectivas relativizantes, promotoras tendenciais de atitudes de tolerância.

3.4. As competências gerais na disciplina de História e Geografia de Portugal

No caso específico da História, a articulação com as competências gerais far-se-á a dois níveis. A um primeiro nível quando essa articulação é direta e imediata entre a formulação das competências específicas da História e determinadas competências gerais. Isso significa que, no contexto da História, a operacionalização transversal dessas competências gerais materializa-se no próprio exercício das competências específicas, tal com estão definidas, segundo Manique (1994), a um 1º e 2º níveis:

Articulação ao 1.º nível

Competências específicas

Tratamento de informação/utilização de fontes

Compreensão histórica: Temporalidade/Espacialidade/Contextualização

Comunicação em história

Competências gerais

Pesquisar, seleccionar e organizar informação para a transformar em conhecimento mobilizável.

Mobilizar saberes culturais, científicos e tecnológicos para compreender a realidade e para abordar situações e problemas do quotidiano.

Usar adequadamente linguagens das diferentes áreas do saber cultural, científico e tecnológico para se expressar. Usar corretamente a língua portuguesa para comunicar adequadamente e para estruturar o pensamento próprio.

Articulação ao 2.º nível

A um segundo nível, “a articulação é conseguida quando as competências gerais definem um ambiente de aprendizagem que pressupõe uma organização do processo de ensino e aprendizagem centrada na ação/intervenção autónoma e relacional/cooperativa do aluno e que deverá enquadrar as experiências de aprendizagem, quer de carácter genérico, quer específico”.

3.4.1. Perfil do aluno competente em História no 2º C.E.B.:

No que concerne ao perfil do aluno competente na disciplina de H.G.P., no 2º C.E.B., referimos alguns aspetos essenciais, segundo o currículo da disciplina:

- situa-se no país e no mundo em que vive, aplicando noções operatórias de espaço e de tempo;
- utiliza conhecimentos básicos sobre a realidade portuguesa, do presente e do passado, aplicando as noções de evolução e de multicausalidade;
- aplica, na abordagem da realidade física e social, técnicas elementares de pesquisa e a organização sistemática de dados, utilizando técnicas diversas de comunicação;
- explica e valoriza elementos do património histórico português;
- manifesta respeito por outros povos e culturas;
- efetua experiências de aprendizagem.

Ao longo da educação básica, as orientações curriculares, consideram essencial e imprescindível que todos os alunos tenham a oportunidade de experimentar atividades que impliquem:

- a pesquisa histórica, individual e em grupo, com tratamento de informação (verbal e iconográfica) e respetiva apresentação oral e escrita, segundo metodologias específicas adaptadas aos diferentes níveis etários e de desenvolvimento dos alunos. O recurso orientado a bibliotecas e museus (eventualmente a arquivos) torna-se fundamental neste tipo de atividades;
- a utilização da tecnologia informática (Internet, CD-ROM) na aprendizagem da História, trabalhando com programas específicos que veiculem informação histórico-geográfica;
- o contacto/estudo direto com o património histórico-cultural nacional e regional/local, sobretudo artístico, arquitetónico e arqueológico, através de visitas de estudo/trabalho de campo com carácter de recolha, exploração e avaliação de dados;
- o intercâmbio com instituições políticas, sociais, cívicas, culturais e económicas, numa perspetiva interventiva no meio em que a escola se insere, que permita a aplicação dos saberes históricos em situações próximas do real (ex.: colaboração em festejos e comemorações oficiais; intervenção em programas culturais e turísticos da comunidade, etc.);
- a articulação horizontal (parceria com outras disciplinas ou áreas) que permita a mobilização dos saberes históricos em outros contextos disciplinares, sempre que isso se torne possível no desenvolvimento dos diferentes conteúdos programáticos;

- o intercâmbio com alunos/jovens de outras comunidades, culturas, religiões, etnias ou países, nomeadamente dos países europeus, que possibilite o conhecimento recíproco da respetiva história e património histórico-cultural, pondo em evidência as influências mutuamente positivas;
- a divulgação e a partilha do conhecimento histórico, através do envolvimento direto na organização e participação em pequenas dramatizações, exposições, debates, colóquios, mesas-redondas, painéis, de acordo com metodologias próprias de dinamização, ao nível da turma, da escola ou da comunidade.

Mais tarde, torna-se fundamental que, no âmbito do departamento curricular (2.º e 3.º ciclos), se elaborem projetos para todo o ciclo que impliquem a programação estruturada de atividades desta natureza, envolvendo todos os professores do grupo disciplinar.

3.4.2. Tratamento de informação/Utilização de fontes:

As experiências de aprendizagem no 2º CEB, relativas a esta disciplina, recorrem inúmeras vezes à utilização de fontes e à sua subsequente interpretação, ou seja, tratamento da informação revelada por essas mesmas fontes. Assim, reiterando Roldão (1991), é fundamental e imprescindível:

- a utilização de técnicas de investigação: observar e descrever aspetos da realidade física e social; recolher, registar e tratar diferentes tipos de informação; identificar problemas; formular hipóteses simples; elaborar conclusões simples;
- a interpretação de informação histórica diversa e com diferentes perspetivas. Exemplos de atividades: organização e elaboração do Atlas da aula e Friso Cronológico; análise de documentos escritos (adaptados); análise de documentação iconográfica (a privilegiar necessariamente); análise de documentação gráfica (sobretudo gráficos de barras e sectogramas); análise de documentação cartográfica (mapas com escala gráfica); organização de dossiers temáticos; organização de ficheiros temáticos, de conceitos ou de referências bibliográficas;
- o manuseamento do globo e de plantas/mapas de diferentes naturezas, escalas e realidades representadas (políticos, geográficos, climáticos, históricos, económicos, religiosos...);
- a familiarização e uso da simbologia e convenções utilizadas nos mapas;
- o reconhecimento e interpretação de escalas (numéricas e gráficas);
- a utilização de sistemas de orientação (rosa-dos-ventos/pontos cardeais);
- a elaboração em mapas mudos de itinerários e percursos (rotas, viagens, etc.);

- o confronto entre observação direta dos espaços e diferentes modalidades da sua representação, itinerários no terreno e a respetiva reconstituição gráfica;
- a organização do atlas da aula;
- a apropriação e emprego de conceitos e vocabulário de suporte às representações e construção de relações da espacialidade (constituição de um glossário);
- a exploração das ideias tácitas dos alunos como base para a construção do conhecimento histórico;
- a observação, caracterização e interpretação de gravuras, fotografias, vídeos/filmes e objetos referentes a vários domínios da vida estudada das sociedades, nas várias épocas (organização/atividades económicas; organização política; estrutura social; aspetos culturais e artísticos);
- a realização de pequenas pesquisas sobre temas de história regional e local, integrando-as no quadro da História de Portugal;
- a realização de visitas de estudo/trabalho;
- a organização de dossiers temáticos;
- a organização de um glossário com vocabulário de suporte à representação das relações entre os diversos domínios da sociedade;
- o trabalho (escrito, inclusive) com fontes de diversos tipos e com múltiplas perspetivas dos vários períodos, para conhecimento das ideias, valores e atitudes características de cada sociedade e época;
- a produção de pequenas biografias, diários, narrativas e resumos;
- a reconstituição do funcionamento das instituições em várias épocas;
- a realização de dramatizações/reconstituição de situações históricas.

A disciplina de H.G.P. é rigorosamente respeitante aos conteúdos selecionados a serem lecionados pelos docentes. Desta forma, a utilização de diversificadas fontes e posteriormente tratamento dos dados referentes às mesmas, obriga a que o professor junto dos alunos, deva ter em atenção diversos aspetos, tais como, ensinar aos alunos os conteúdos de forma prática e motivadora, recorrendo a diversos materiais que estão ao seu dispor.

Considero pois, que o professor de H.G.P. pode e deve ser a porta de passagem do conhecimento empírico dos alunos, pois como preconiza Marques (1995), o professor deve ser o guia, o orientador e facilitador das aprendizagens.

3.5. Metodologia

3.5.1. Objetivos do estudo

Com este estudo procurámos recolher informações, através de um questionário (**ver apêndice 4**), acerca do processo de ensino e aprendizagem em relação à disciplina de História e Geografia de Portugal, no 2º C.E.B., pretendendo com um carácter prospetivo e de melhoria no futuro obter Práticas Pedagógicas cada vez mais eficazes e exequíveis, conducentes a um sucesso não só escolar, mas também de vida.

3.5.2. Sujeitos do estudo

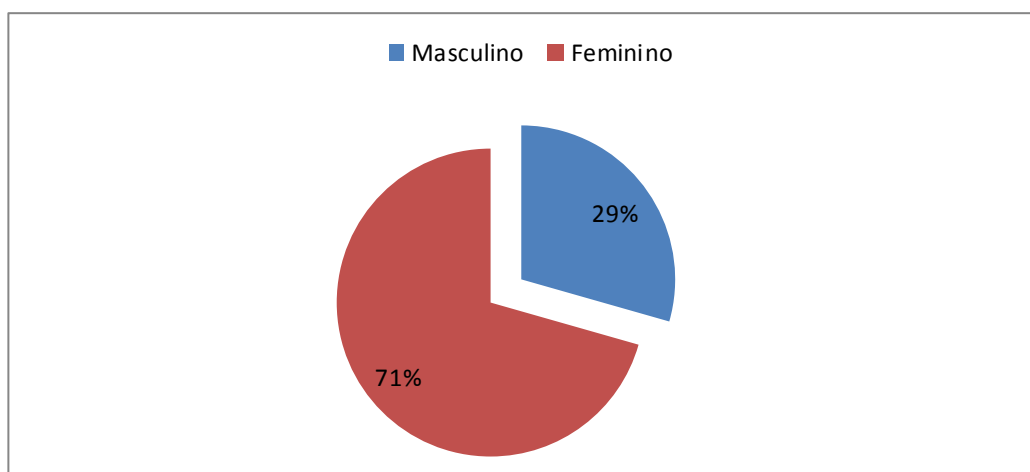
Os questionários foram entregues a 17 professores da disciplina de História e Geografia de Portugal divididos entre os agrupamentos de escolas de Seia, Gouveia, Celorico da Beira e Guilherme Correia de Carvalho em Seia.

Neste âmbito, tive inicialmente que solicitar à Direção Geral de Inovação Curricular (DGIC) autorização para a implementação dos mesmos em meio escolar. Autorização essa, que me foi concedida após submeter o mesmo questionário a avaliação, pelo departamento de Monitorização de Inquéritos em Meio Escolar (MIME) (**ver anexo 2**).

3.5.3. Apresentação e análise descritiva dos resultados:

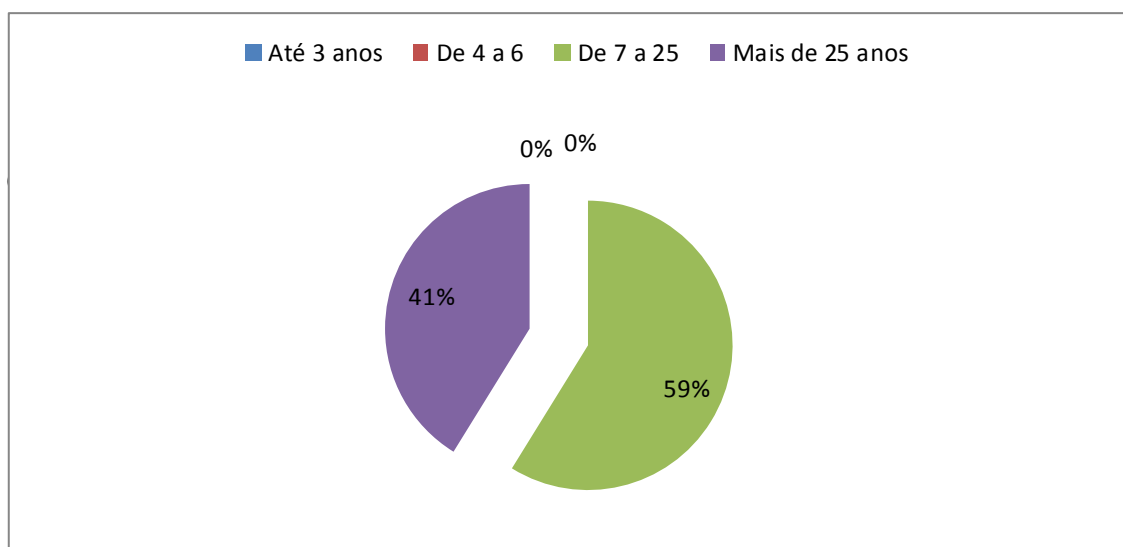
Os resultados apresentados, em seguida, resultam da informação recolhida junto dos professores da disciplina de H.G.P., através de um inquérito por questionário.

Gráfico 1 – Sexo



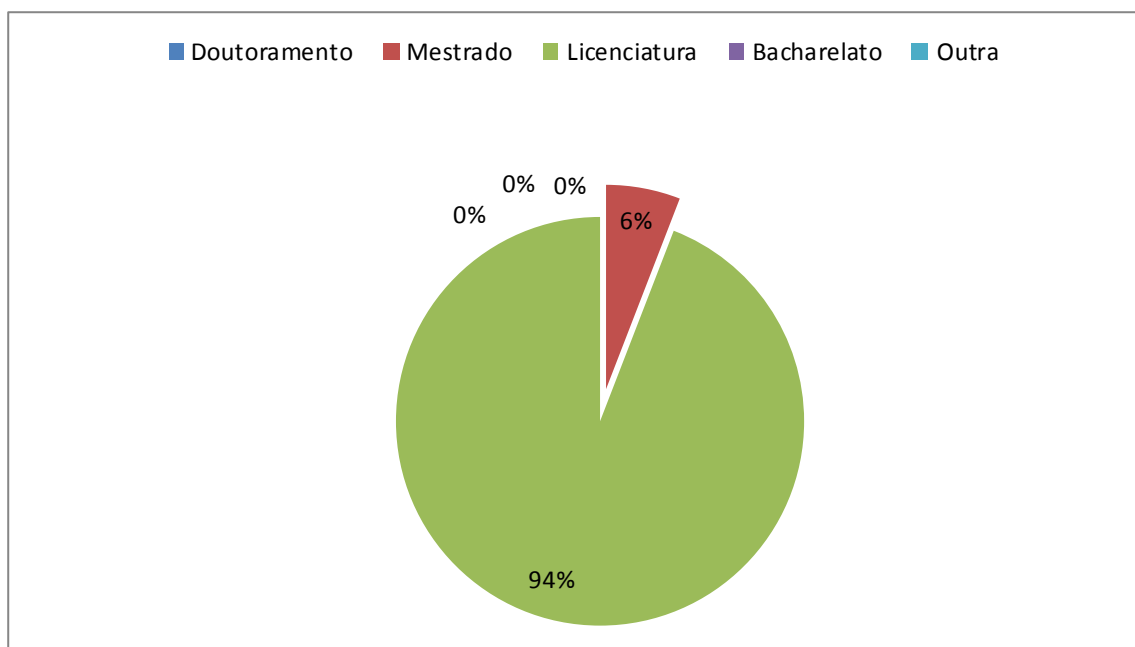
Em relação aos dados do gráfico 1, constatamos que no total dos inquiridos, nos quatro agrupamentos, da disciplina de História e Geografia de Portugal, predomina o sexo feminino, com 12 dos indivíduos (71%), sendo 5 do sexo masculino (29%).

Gráfico 2 – Tempo de serviço em 16 de Setembro de 2011



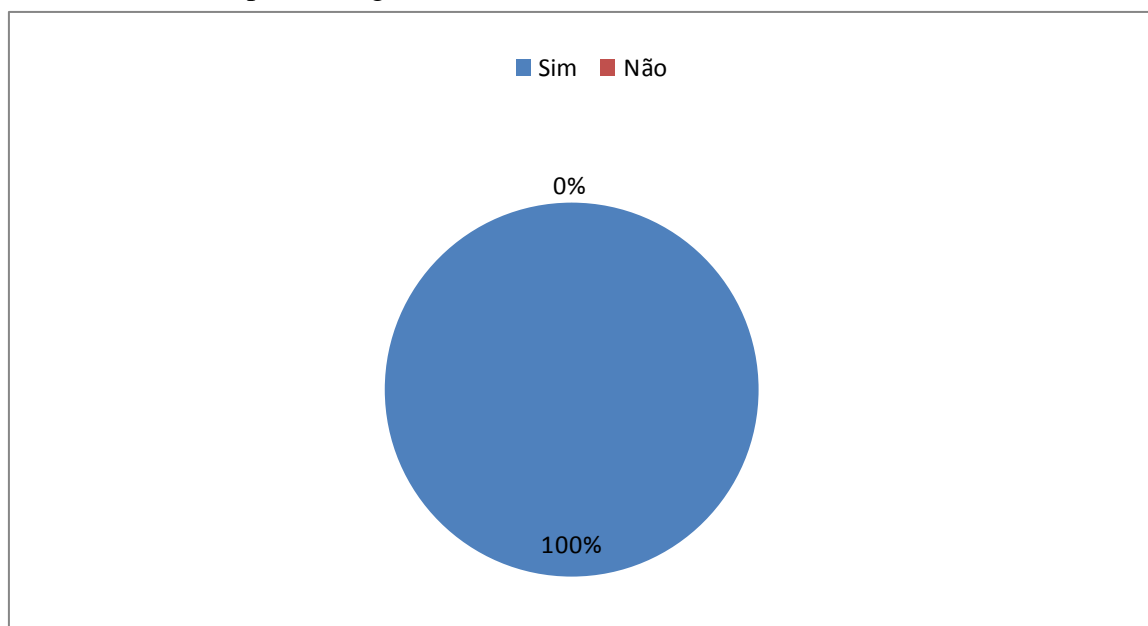
No que se refere ao gráfico 2, constatamos que 10 dos professores apresentam tempo de serviço entre os 7 e os 25 anos, (59%), salientando que não obtivemos qualquer resposta em relação ao tempo de serviço compreendido entre os 3 e os 6 anos de serviço.

Gráfico 3 – Habilitação Académica



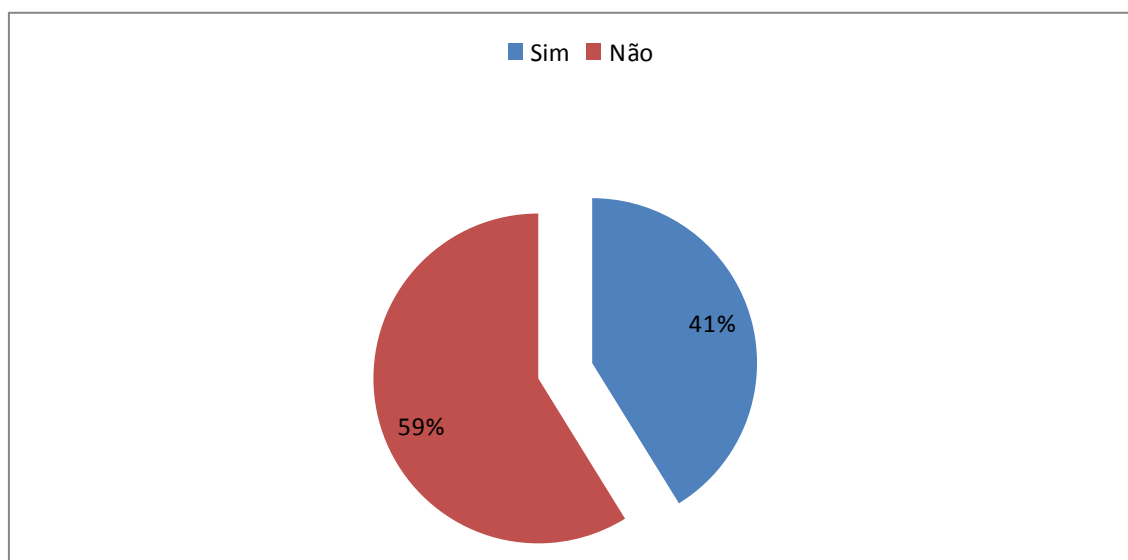
Relativamente aos dados do gráfico 3, verificamos que a nível das habilitações académicas, uma maioria, 16 dos professores, (94%), possui o grau de Licenciatura e os restantes, 1 dos professores (6%) surge com o grau de Mestrado.

Gráfico 4 – Importância do ensino da disciplina de História e Geografia de Portugal nas escolas como disciplina obrigatória



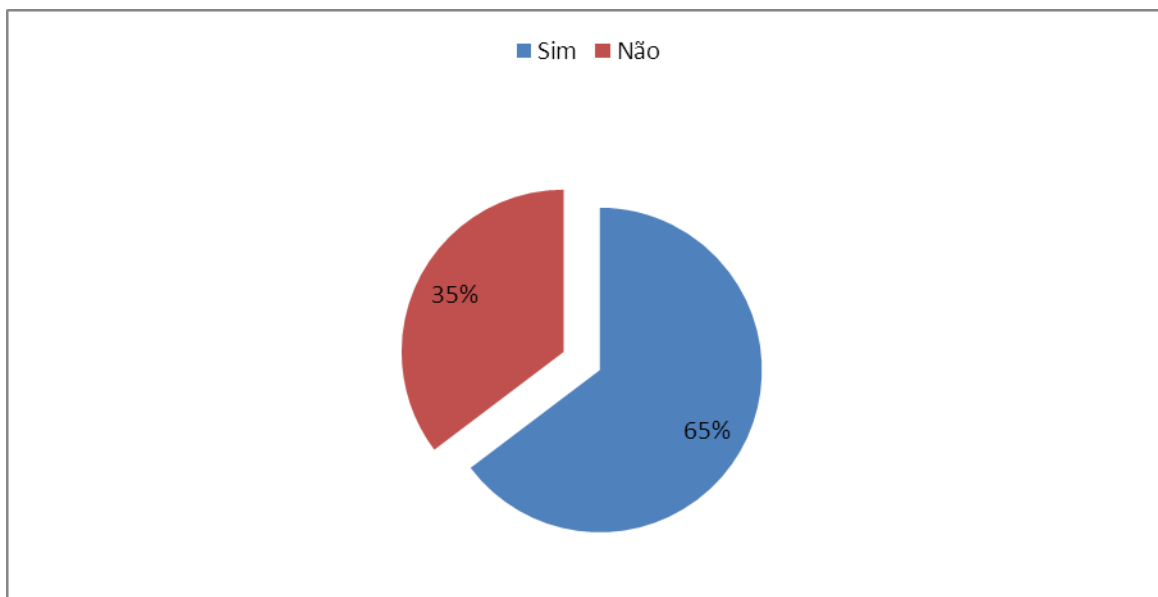
No que concerne ao gráfico 4, observamos que 17 dos professores responderam afirmativamente (100%), ou seja, todos são unânimes, considerando que é importante que a disciplina de História e Geografia de Portugal seja obrigatória nas escolas portuguesas.

Gráfico 5 – Adequabilidade da carga horária relativa à disciplina de História e Geografia de Portugal



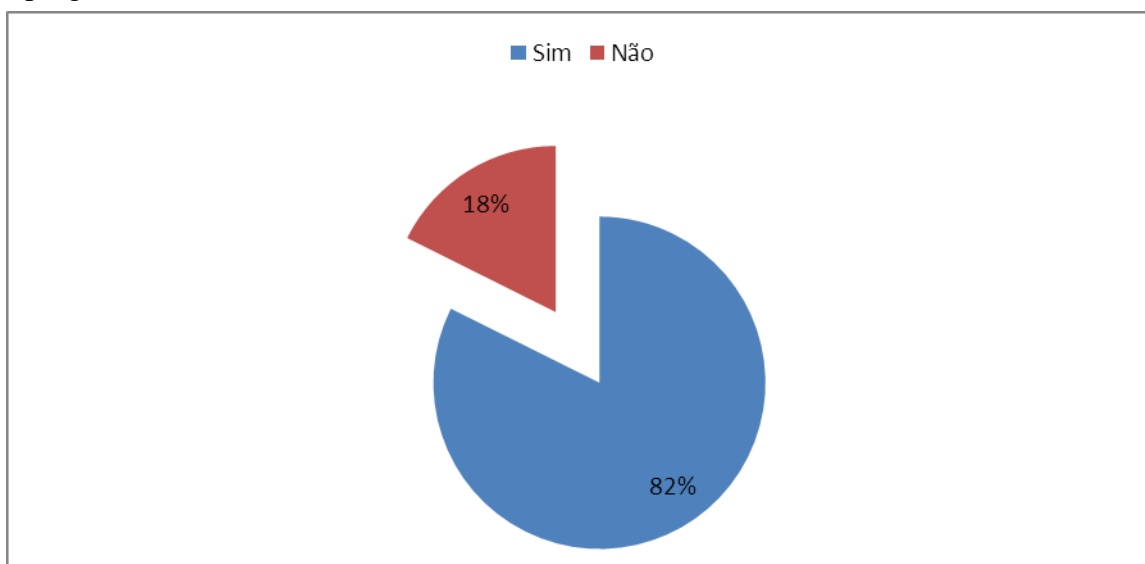
Quanto à análise do gráfico 5, salientamos que, a maioria dos professores, ou seja, 10 docentes, (59%), expressou uma opinião negativa, sugerindo um aumento da carga horária, em 45 minutos, tal materializar-se-ia, através de dois blocos de 90 minutos.

Gráfico 6 – Estrutura e adequação do currículo da disciplina de História e Geografia de Portugal



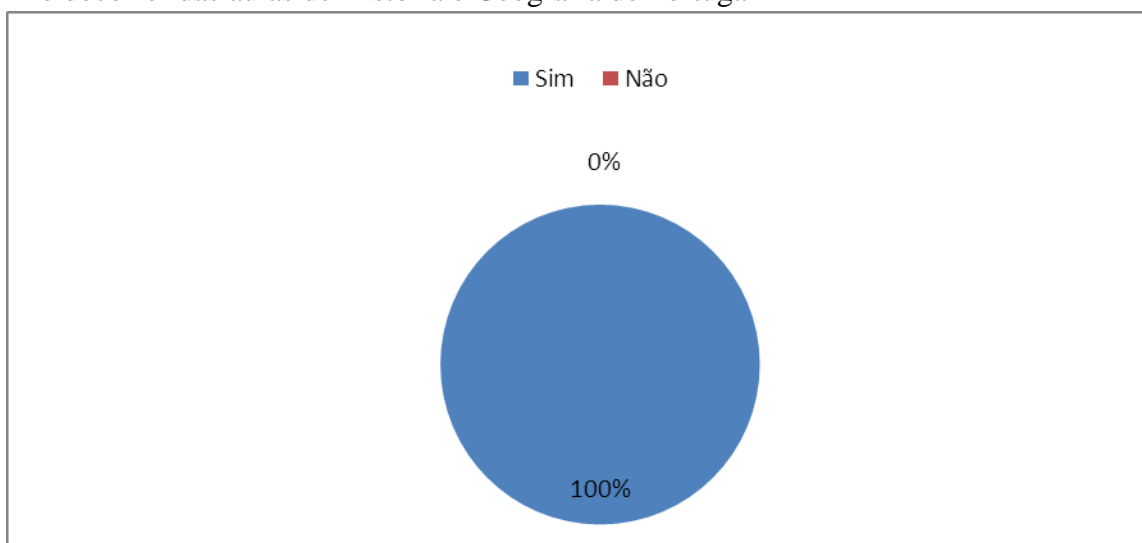
Analisando o gráfico 6, observamos que 11 dos professores, (65%), o que constitui a maioria, responderam afirmativamente, salientando-se porém que 6 docentes, (35%), não corroboram dessa opinião, respondendo negativamente.

Gráfico 7 – Adequação dos manuais de História e Geografia de Portugal aos programas a lecionar



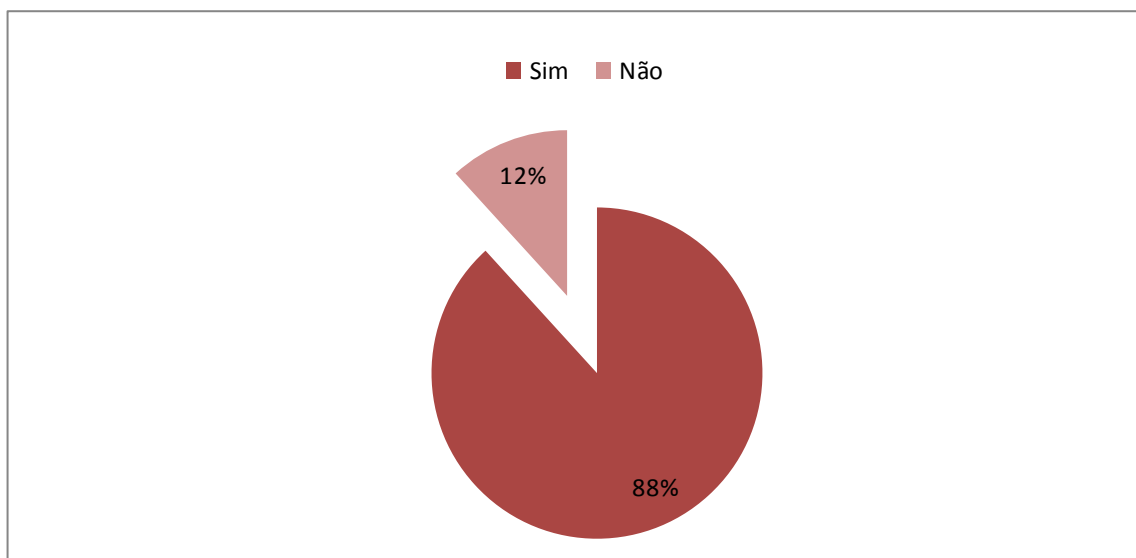
Após a análise do gráfico 7, inferimos que a maioria dos professores, ou seja, 14 docentes, (82%), respondeu afirmativamente, considerando os manuais adequados à prática de ensino da disciplina de História e Geografia de Portugal.

Gráfico 8 – A importância do uso de materiais como facilitadores das aprendizagens, no decorrer das aulas de História e Geografia de Portugal



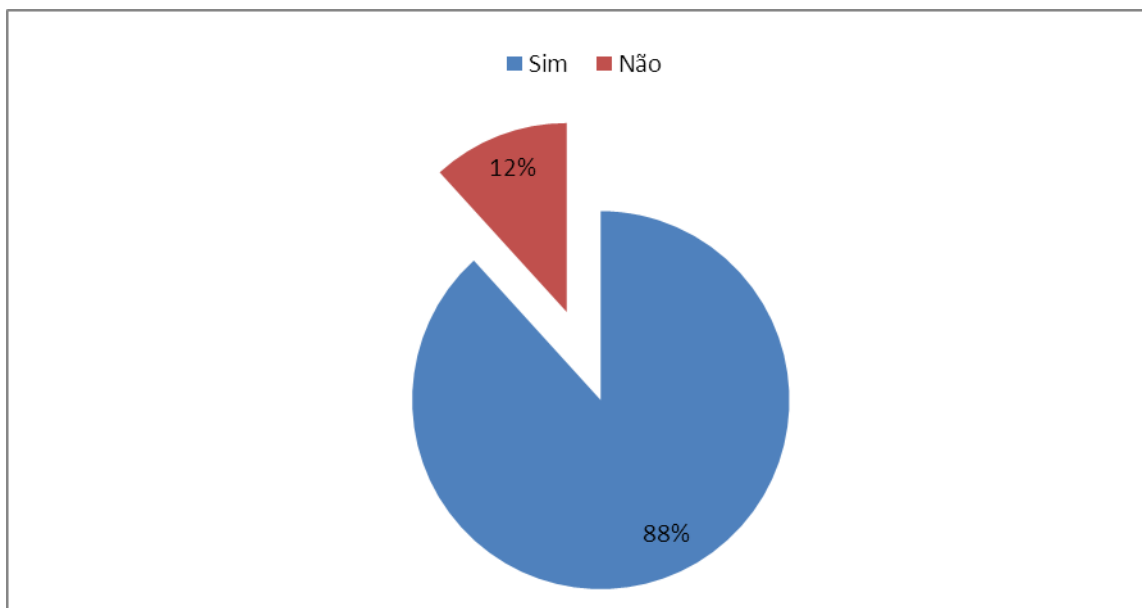
Relativamente ao gráfico 8, observamos que a totalidade dos professores, ou seja, 17, (100%), expressa uma opinião positiva, no que concerne ao uso de materiais, como suportes de aprendizagem e facilitadores de aprendizagens.

Gráfico 9 – Pertinência de questões como a Cidadania, os Direitos Humanos e a Identidade, inerentes ao ensino da disciplina de História e Geografia de Portugal



Após a análise do gráfico 9, constatamos que, a maioria dos professores, ou seja, 15, considerou estes aspetos relevantes (88%) e, apenas 2 não partilharam dessa opinião, (12%).

Gráfico 10 – Realização de visitas de estudo de carácter histórico



Através da leitura do gráfico 10, salientamos que, também, a maioria dos professores, 15, organizou e efetuou visitas de estudo com os seus alunos, (88%), verificando-se que apenas 2 não realizaram tais atividades, (12%).

Análise das questões de resposta aberta:

Em relação às respostas referentes a estas questões, apresentamos a respetiva análise de conteúdo:

No que concerne à pergunta:

11 – “Segundo, a sua opinião, indique a pertinência e importância destas atividades na compreensão dos conteúdos de História e Geografia de Portugal.”

Salientamos em síntese como aspetos relevantes:

- **Melhor concretização dos conteúdos – 5 professores (35%)**
- **Apreensão mais eficaz – 3 professores (20%)**
- **Contacto direto com as fontes históricas – 7 professores (45%)**

Consequentemente, salientamos que, os professores inquiridos consideram uma mais valia as visitas de estudo.

12 – Refira, qual o número de negativas atribuídas, no 2º período.

| Nº de Professores | Nº de Negativas |
|-------------------|-----------------|
| 1 | 1 |
| 1 | 8 |
| 1 | 12 |
| 1 | 14 |
| 2 | 2 |
| 2 | 3 |
| 2 | 4 |
| 3 | 5 |

Deste modo, observamos que o total de negativas é de 49, o que corresponde a um número pouco significativo, em relação ao número de professores (17).

Quanto à pergunta,

13 – “Explicita, em sua opinião, quais as causas fundamentais do insucesso escolar verificado.”

Verificamos que os fatores mais apontados referem:

- **Falta de interesse/motivação – 1 professor (1.25%);**
- **Falta de estudo dos alunos – 14 professores (93.25%);**
- **Dificuldade de concentração – 3 professores (3.75%);**
- **Dificuldade de interpretação – 1 professor (1.25%).**

No que diz respeito às causas fundamentais apontadas pelos professores para o insucesso escolar dos alunos, salientamos que catorze dos professores respondem, enfatizando que o insucesso é devido à falta de estudo dos alunos.

No que se refere à pergunta,

14 – “Atualmente, percebemos que não há um domínio geral, nem científico, em relação a certos factos históricos essenciais. Em sua opinião, diga, quais pensa serem, as causas subjacentes a esta realidade, apontando sugestões, para colmatar estas lacunas.”

São salientados diversos fatores:

- desvalorização da disciplina de História e dos ensinamentos transmitidos na escola;
- o descrédito que se dá à disciplina;

- os alunos limitam-se a decorar, não compreendendo os conteúdos;
- o ensino da História tem sido lecionado abordando apenas conceitos generalizados, não se dando importância ao que “está por detrás” dos factos;
- a importância que os professores universitários dão à mesma na formação dos futuros professores;
- a falta de exigência na avaliação dos alunos.

3.5.4. Apresentação e análise inferencial dos resultados:

A aplicação do teste do Qui-Quadrado apenas devolveu diferenças significativas para H_1 , H_3 e H_4 . (Vd. Tabela 1). É prevaiente a concordância dos inquiridos com a afirmação de que os manuais são adequados, as questões de identidade nacional e as visitas de estudo são consideradas pertinentes, sendo que as visitas de estudo se revelam uma metodologia fundamental para a consecução dos objetivos desta área curricular.

Tabela 1: Hipóteses testadas

| Hypothesis Test Summary | | | | |
|-------------------------|--|----------------------------|------|-----------------------------|
| | Null Hypothesis | Test | Sig. | Decision |
| 1 | The categories of ADQMAN occur with equal probabilities. | One-Sample Chi-Square Test | ,008 | Reject the null hypothesis. |
| 2 | The categories of MATS occur with the specified probabilities. | One-Sample Chi-Square Test | . | Unable to compute. |
| 3 | The categories of FORMAL occur with equal probabilities. | One-Sample Chi-Square Test | ,002 | Reject the null hypothesis. |
| 4 | The categories of VE occur with equal probabilities. | One-Sample Chi-Square Test | ,002 | Reject the null hypothesis. |
| 5 | The categories of GÉNERO occur with equal probabilities. | One-Sample Chi-Square Test | ,090 | Retain the null hypothesis. |
| 6 | The categories of IMPHGP occur with the specified probabilities. | One-Sample Chi-Square Test | . | Unable to compute. |
| 7 | The categories of CH occur with equal probabilities. | One-Sample Chi-Square Test | ,467 | Retain the null hypothesis. |
| 8 | The categories of ADQC occur with equal probabilities. | One-Sample Chi-Square Test | ,225 | Retain the null hypothesis. |

Asymptotic significances are displayed. The significance level is ,05.

Não se encontram diferenças significativas entre o tempo de serviço, contudo, a Licenciatura aparece como a habilitação prevalecente dos inquiridos, o que indica um nível adequado de formação, tendo em conta os anos de carreira.

Tabela 2: Hipóteses testadas (Cont.)

| Hypothesis Test Summary | | | | |
|--------------------------------|---|----------------------------|------|-----------------------------|
| | Null Hypothesis | Test | Sig. | Decision |
| 1 | The categories of TEMPSEV occur with equal probabilities. | One-Sample Chi-Square Test | ,467 | Retain the null hypothesis. |
| 2 | The categories of HABACAD occur with equal probabilities. | One-Sample Chi-Square Test | ,000 | Reject the null hypothesis. |

Asymptotic significances are displayed. The significance level is ,05.

Conclusão:

Analizamos crítica e reflexivamente todos os resultados, embora o nosso estudo seja muito redutor e não se possa generalizar. Verificamos como um dos aspetos mais significativos, em relação às respostas obtidas que, na sua grande maioria os Professores de História e Geografia de Portugal, dos quatro agrupamentos, consideram esta disciplina extremamente importante para os alunos. Consequentemente, salientam a necessidade de aumentar a carga horária, com mais um bloco de 45 minutos, de modo a reforçar os conteúdos relacionados com a História do nosso país, essenciais na construção da identidade do indivíduo.

Nas respostas dos professores, sobressai de modo especial a importância atribuída às visitas de estudo, com grande adesão, pois consideradas fundamentais no processo de ensino e aprendizagem. Também as experiências vividas e sentidas, a utilização e manipulação de materiais diversos nas aulas, surgem como sendo uma mais-valia e cruciais para as aprendizagens dos alunos, enfatizando-se a importância dos materiais como suportes de aprendizagem, meios, ferramentas, auxiliares tal como defendem as Orientações Curriculares, (2004:167). Valorizam-se assim as aprendizagens significativas, recorrendo à concretização e experimentação, corroborando o que defende Sprinthall-Sprinthall, pois o que se ouve retém-se, apenas, entre 30% a 40%, o que se ouve e visualiza apreende-se entre 60% a 65% e o que se ouve, visualiza e experimenta retém-se entre 90% a 95%.

Finalmente, e tendo como base os resultados obtidos, podemos inferir que com este estudo, o processo de ensino e aprendizagem da disciplina de História e Geografia de Portugal, no 2º C.E.B, visa práticas pedagógicas bastante mais eficazes, profícuas e exequíveis, promovendo desta forma, a formação do aluno ao nível dos conteúdos da disciplina.

3.6. Implicações do estudo para a prática profissional:

Perante as questões norteadoras deste estudo e tendo em consideração os objetivos subjacentes e propostos, podemos constatar, embora o nosso estudo seja bastante limitado e redutor, que os professores interrogados pensam que constituem uma mais valia no processo de ensino e aprendizagem, devendo ser motivo de uma reflexão séria e aprofundada:

- a duração das aulas de História e Geografia de Portugal;
- a utilização de diferentes materiais;
- as visitas de estudo.

Com um estudo mais abrangente estamos convictos que tal facto se verificaria significativamente, pelo que, sugerimos que o próprio Ministério da Educação deveria incentivar e tornar mesmo obrigatório, a realização destas atividades, oferecendo apoios materiais e monetários para concretizar aprendizagens que passam pela experimentação, observação e manipulação, além da concretização com a construção do friso cronológico. Também o conhecimento do mais afastado, partindo do meio mais próximo, que o aluno conhece e vivência, no dia-a-dia é um dos princípios pedagógicos que deve ser respeitado.

Assim, sempre que possível promover-se-ão atividades experimentais, tornando-se mais significativas e exequíveis para que a qualidade das aprendizagens e adequação dos programas possa estar de acordo com as práticas pedagógicas passíveis de serem executadas.

É de salientar, no nosso estudo, a importância dada ao desempenho dos alunos, aspeto considerado extremamente importante. Assim, não basta, apenas introduzirem-se certas alterações nos programas e legislação, mas sim fomentar nos professores da disciplina um carácter pró-ativo e autónomo, no que diz respeito às aprendizagens em questão.

Cabe ao professor ser o guia, o orientador e o facilitador das aprendizagens no que concerne a estas práticas, em contexto de sala de aula.

Reflexão Final

A História mostra-nos que a evolução acontece constantemente. A história de longa duração encerra em si o “contínuo movimento”, com as estruturas a manterem-se, quase inalteradas, durante largos períodos de tempo. Mas, as grandes mudanças, essas, fazem-se de ruturas, choques, contrastes e revoluções, mais ou menos violentas, que provocam mudanças, mais ou menos significativas e alteram estruturas que à primeira vista pareceriam imóveis.

Após uma análise atenta, crítica e reflexiva preconizada por Zeichner, (1993), em relação à minha prática pedagógica, desenvolvida ao longo de todo o estágio, acho importante salientar que pude realmente verificar que a teoria (saber académico) e a prática (saber pedagógico) se complementam, interligam-se, interagem, interrelacionam-se e imbricam uma na outra (Teresa Estrela e Albano Estrela, 1986). Considero, assim, que só interrelacionando a teoria e a prática é que se torna possível desenvolver práticas pedagógicas mais eficazes, profícuas e exequíveis.

Durante este semestre, de imenso trabalho e dedicação, vivi momentos únicos e experiências deveras enriquecedoras, que me ajudaram a crescer, não só como professor, mas também como pessoa, (Nóvoa, 1997).

Pude inferir que o professor, no processo de ensino e aprendizagem, tem que ter em consideração, não apenas, as características da criança, mas os diversos fatores externos que rodeiam a mesma, como defende o modelo holístico, interativo e explicativo, subjacente ao processo de ensino e aprendizagem. Assim, referimos explorar os conteúdos a aprofundar e os diversos materiais e estratégias a aplicar, pois é o aluno quem aprende, mas cabe ao professor criar as melhores condições para que tal aconteça, salientando-se a sua responsabilidade.

Deste modo, por vezes, apesar de todo o trabalho prévio, (concretamente ao nível das planificações), os minutos que antecederiam as regências eram inundados de nervosismo e ansiedade, contudo com o decorrer do tempo, começou a aumentar gradativamente a experiência, a determinação e a segurança. A oportunidade de reger a mesma área, dias seguidos, possibilitou, na minha opinião, uma melhor organização e exploração dos conteúdos, existindo continuidade e inter-relação, de um dia para o outro, aproximando-me, cada vez mais, da verdadeira realidade escolar.

Considero, também, que com o passar do tempo a minha relação pedagógica e afetiva com os alunos se fortaleceu significativamente, o que vai ao encontro da Pedagogia Moderna. Esta (...) *vive em grande parte da vontade de dinamizar o acto educativo, isto é, de transformar a realidade pedagógica numa relação viva, numa palavra, activa* (Boavida, 1992: 307). Neste sentido, procurei proporcionar às crianças aprendizagens ativas, significativas, diversificadas, integradas e socializadoras (D.E.B., 1990), partindo de experiências vividas e promovendo outras, através do contato e visualização, observação do desconhecido, partindo do mais próximo e conhecido.

A minha opinião, que através do estágio ainda se acentuou mais, baseia-se na convicção de que, ser professor é uma tarefa bastante difícil e complexa, mas gratificante, pois permite participar ativamente no desenvolvimento da personalidade dos alunos e contribuir para a construção da identidade de cada um, realçando-se que “O professor lida com flores, para ser professor é preciso ter as mãos purificadas. A toda a hora temos de tocar em flores” (Gama, 1949: 137).

Nesta perspetiva, refiro que o professor é o guia, o que ajuda, o que orienta, como defende Marques, (1993) ao longo do processo de ensino e aprendizagem.

Para além deste aspeto, o professor deve propiciar a formação de cidadãos livres, democráticos, autónomos, solidários, criativos, questionadores e ativos, intervenientes na vida comunitária, (L.B.S.E., 2005).

Considero ainda importante salientar que, ao longo deste semestre, procurei realizar o meu trabalho o melhor possível, aprendendo muito com as crianças, partilhando experiências pedagógicas com os professores titulares e com os professores orientadores que sempre me auxiliaram durante o estágio e enriqueceram.

O estágio excedeu, assim, todas as minhas expetativas, deixando-me ainda mais motivado para futuramente ajudar as crianças a descobrir e a aprender significativamente como sublinham as O.C., (2006), uma vez que sempre foi esta a minha vocação. No entanto, tenho perfeita consciência que ainda tenho muito para aprender, pois estamos sempre a caminho. O caminho faz-se caminhando, pois a distância entre a dimensão fática, a realidade, com as suas limitações e a dimensão axiológica “o que deve ser”, o ideal, é abismal.

Sendo assim, perante todos estes aspetos, deixando a minha própria reflexão pessoal, tão defendida por Alarcão, (1996), atrevo-me a afirmar que educar é mergulhar numa reflexão pessoal, aceitando desafios e ultrapassando receios e ansiedades.

Termina assim, uma etapa crucial da minha vida, da qual jamais me esquecerei, e começa outra que se adivinha extremamente difícil em termos de saídas profissionais, no entanto terei sempre presente que (...) *todo o conhecimento começa num sonho. O conhecimento, nada mais é, que a aventura pelo mar desconhecido, em busca da terra sonhada* (Nunes apud Piva e Fernandes, 1998:114), que no meu caso é participar ativamente no processo de ensino e aprendizagem das crianças, levando-as a serem cidadãos autónomos e participantes na vida comunitária, visando a sua intervenção para a transformação da sociedade num mundo mais justo e mais humano.

Bibliografia

Alarcão, I., (1985). *Psicologia do desenvolvimento e da aprendizagem*. Coimbra: Livraria Almedina

Arends, R. I., (2008). *Aprender a ensinar*. 7ª Edição. Mc Graw Hill.

Ausubel, D., (1976). *Psicologia educativa - Um ponto de vista cognitivo*. Editorial Trillas.

Barrosa, B., (2007). *Conhece a tua história*. Edições Nova Gaia.

Boavida, J., (1992). *Filosofia do ser e do ensinar*. Coimbra: Instituto Nacional de Investigação Científica.

Bronfenbrenner, U., (1996). *A ecologia do desenvolvimento humano: Experimentos naturais e planejados*. Porto Alegre: Artes médicas.

Departamento do Ensino Básico, (2001). *Currículo nacional do Ensino Básico - Competências essenciais*. Lisboa: Ministério da Educação.

Departamento do Ensino Básico, (2002). *Reorganização curricular do Ensino Básico: Avaliação das aprendizagens – Das concepções às práticas*. Lisboa: Ministério da Educação.

Departamento do Ensino Básico, (1991). *Programa de organização do ensino e aprendizagem de Ciências da Natureza*. Lisboa: Ministério da Educação.

Departamento do Ensino Básico, (1999). *Programa de organização do ensino e aprendizagem de História e Geografia de Portugal*. Lisboa: Ministério da Educação.

Estrela, A., (1986). *Teoria e prática de observação de classes*. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica.

Manique, A., Proença, M^a, (1994). *Didática da história património e história local*. Texto Editores.

Marques, J., (1995). *Para uma metodologia da didática da história*. In, CARVALHO, Adalberto (Org.). *Novas Metodologias em Educação*. Porto: Porto Editora

Nóvoa, A., (1992). *Formação de professores e a profissão docente: Os professores e a sua formação*. Lisboa: D. Quixote.

Nunes e Amaral, (2008). *Educação multideficiência e ensino regular – Um processo de mudança e atitude*. Revista Diversidades.

Perrenoud, P., (1978). *Das diferenças culturais às desigualdades escolares: a avaliação e a norma num ensino diferenciado*, in *Análise Psicológica* n.º 1, volume II, Lisboa, ISPA.

Ponte, J. P., (2007). *Programa de Matemática do Ensino Básico*. Lisboa: Ministério da Educação.

Proença, M. C., (2009). *História de Portugal – Descobrimentos e expansão – Séculos XV e XVI*. Lisboa: Círculo de Leitores.

Reis, C. (coord.), (2009). *Programa de Português do Ensino Básico*. Lisboa: Ministério da Educação.

Rocha, F., (1988). *Correntes pedagógicas contemporâneas*. Lisboa; Editora Estampa.

Roldão, M^a. C., (1991). *Gostar de história – Um desafio pedagógico*. Lisboa: Texto Editora.

Salema, H., (1997). *Ensinar e aprender a ensinar*. Lisboa; Texto Editora.

Santos. H., (1977). *Piaget na prática pedagógica*. Belo Horizonte; Editora Semente.

Sprinthall-Sprinthall, N., (1994). *Psicologia educacional, uma abordagem desenvolvimentista*. Lisboa: Publicações Calouste Gulbenkian.

Tavares, A. H., (1979). *A motivação na escola activa*. Lisboa: Didática Ed.

Zeichner, K., (1993). *A Formação reflexiva de professores: ideias e práticas*. Lisboa: Educa.

Web grafia

- http://www.esgouveia.pt/index.php?option=com_content&view=article&id=7&Itemid=124 – consultado em 26 de Junho de 2012

Legislação consultada

- Decreto-Lei nº 115-A/1998, de 4 de maio – Autonomia das escolas
- Decreto-Lei nº 49/2005 de 30 de Agosto – Lei de Bases do Sistema Educativo
- Decreto-Lei nº 43/2007, de 22 de fevereiro – Mestrados habilitadores para docência
- Decreto-Lei nº 240/2011, de 30 de agosto de 2001 – Perfil geral de desempenho profissional do educador de infância e dos professores do ensino básico e secundário

Anexos

Anexo 1 – Projeto Educativo



Projeto Educativo

2011-2015

Índice

| | | |
|-------|---|----|
| 1. | INTRODUÇÃO | 2 |
| 2. | CARACTERIZAÇÃO SUMÁRIA DO AEG | 3 |
| 2.1 | ENQUADRAMENTO | 3 |
| 2.2 | - OFERTA EDUCATIVA | 4 |
| 2.2.1 | - Educação Pré-escolar | 4 |
| 2.2.2 | - 1º Ciclo do Ensino Básico | 5 |
| 2.2.3 | - 2º Ciclo do Ensino Básico: | 5 |
| 2.2.4 | - 3º Ciclo do Ensino Básico: | 6 |
| 2.3 | Ensino Secundário | 7 |
| 3. | DIAGNÓSTICO ESCOLAR | 8 |
| 3.1 | Educação Pré-Escolar | 8 |
| 3.2 | Ensino Básico | 9 |
| 3.2.1 | - Análise comparativa entre a avaliação externa e externa | 11 |
| 3.3 | Ensino Secundário | 12 |
| 4. | METAS E MISSÃO | 14 |
| 4.1 | METAS GLOBAIS | 15 |
| 4.2 | - METAS ESPECÍFICAS | 17 |
| 5. | PRINCIPAIS OBJECTIVOS, ESTRATÉGIAS E METAS | 20 |
| 5.1 | - NO ÂMBITO DA FORMAÇÃO | 20 |
| 5.2 | - NO ÂMBITO DAS ATITUDES | 21 |
| 5.3 | - NO ÂMBITO RELACIONAL | 22 |
| 5.4 | - NO ÂMBITO DOS RECURSOS FÍSICOS | 23 |
| 5.5 | - NO ÂMBITO DOS RECURSOS HUMANOS | 23 |
| 5.6 | - NO APOIO SÓCIO-EDUCATIVO | 24 |
| 6. | AVALIAÇÃO | 25 |
| 7. | CONCLUSÃO | 26 |

1. INTRODUÇÃO

Tendo em conta a Lei de Bases do Sistema Educativo e todos os normativos legais que a ela levaram e que dela derivaram, podemos dizer que o grande objetivo do sistema educativo é preparar cidadãos com uma sólida formação integral, isto é, pessoal, social e científica e que desenvolvam as capacidades/competências necessárias para um bom desempenho profissional e pessoal, com autonomia e espírito crítico, com vista à integração numa sociedade em constante mudança.

No sentido de cumprir este pressuposto, o Agrupamento de Escolas de Gouveia, enquanto comunidade de atores educativos preocupados com o sucesso pessoal e social dos seus membros, a começar pelos alunos, define os seguintes valores a defender, os quais, pela sua natureza são considerados como os mais abrangentes e consensuais por todos os parceiros do processo educativo: o saber; o fazer; o saber fazer; e o ser.

Associados a estes grandes valores marcados com o sinal da Liberdade, Igualdade de Oportunidades, Justiça, Tolerância e Solidariedade, afirma os seguintes princípios como orientadores da sua ação:

O Princípio da não exclusão, entendido no sentido de criar oportunidades diferenciadas e percursos diversificados que conduzam ao sucesso educativo dos alunos, independentemente dos seus estilos cognitivos e dificuldades de aprendizagem;

O Princípio da cidadania e da participação democrática, encarando cada indivíduo da comunidade escolar e educativa como um elemento ativo e capaz de interferir de forma responsável, solidária e crítica, na escola e no meio envolvente;

O Princípio da integração, no respeito pela diferença, e promovendo a efetiva promoção de igualdade de direitos e de oportunidades, independentemente da classe social, sexo, raça, etnia, religião;

O Princípio da qualidade educativa, traduzida numa optimização dos recursos disponíveis, tendo em vista a maximização do impacto do resultado das aprendizagens;

O Princípio da Inovação enquanto busca ativa de novas práticas e processos capazes de se tornar numa mais-valia para o desenvolvimento pessoal, social, local e global.

Apontados os princípios que orientam a nossa missão, importa igualmente definir objectivos e metas que, nos vários domínios da nossa intervenção, orientem e sustentem a nossa ação individual e colectiva.

2. CARACTERIZAÇÃO SUMÁRIA DO AEG

2.1 ENQUADRAMENTO

Criado por Despacho do SEE de 25-06-2010, o novo Agrupamento de Escolas de Gouveia entrou em funcionamento no ano lectivo 2010/2011, agregando os Agrupamentos de Escolas de Gouveia e de Vila Nova de Tazem com a Escola Secundária com 3º Ciclo do Ensino Básico de Gouveia numa única unidade de gestão pedagógica e administrativa.

O Agrupamento é constituído pela Escola Secundária com 3º Ciclo, onde funciona a sua sede, 12 Jardins de Infância, 12 Escolas Básicas do 1.º Ciclo, a Escola Básica do 2º Ciclo de Gouveia e a Escola do 2.º e 3.º Ciclos de Vila Nova de Tazem.

O Agrupamento de Escolas de Gouveia tem a sua sede na cidade com o mesmo nome, sede de concelho, no distrito da Guarda. De acordo com o Censos 2011, o concelho, pertencente à NUT III Serra da Estrela, tem uma população de 14 089 habitantes, distribuídos por 22 freguesias numa área total de 300,6 Km².

O concelho de Gouveia, apesar das suas condições naturais propícias a atividades como a pastorícia e têxtil, tem assistido, nos últimos anos, em virtude da sua interioridade e inserção num mercado cada vez mais global, a um declínio das mesmas, refletindo-se negativamente nas condições de vida dos seus habitantes. Tal realidade tem-se traduzido na escassez de oportunidades locais para a população ativa e num consequente aumento da sua deslocalização para outras latitudes, tanto a nível do território nacional como do estrangeiro.

A cidade e o concelho de Gouveia dispõem de múltiplas colectividades nas áreas da cultura, desporto e recreio, preocupadas com a preservação de valores transmitidos pelos seus antepassados, capazes de dinamizar o presente e projetar-se no futuro, com uma forte dinâmica inter-geracional. Merecem especial destaque, pelo grau desenvolvimento de elementos da comunidade escolar, entidades como as Bandas Filarmónicas, os Ranchos Folclóricos e os Clubes Desportivos, propiciadoras de inúmeros eventos culturais, desportivos, artísticos e religiosos.

O concelho orgulha-se ainda de contar entre os seus filhos de nomes como: os escritores Vergílio Ferreira e Eduardo Barros Lobo (Beldemónio), o pintor Abel Manta, os políticos Pedro e Fernão Botto Machado, entre muitos outros, personalidades sempre inspiradoras das novas gerações.

2.2 - OFERTA EDUCATIVA

2.2.1 - EDUCAÇÃO PRÉ-ESCOLAR

A Educação Pré-escolar abrange as crianças dos 3 anos de idade até ao primeiro ano de ingresso no ensino básico (sendo a frequência universal a partir do ano em que as crianças atinjam os cinco anos de idade – artigo 4.º da Lei n.º 85/2009 de 27 de Agosto). Esta oferta educativa distribui-se entre a rede pública do Ministério da Educação e a rede particular de solidariedade social, estando presente nas seguintes freguesias:

| FREGUESIA | Oferta Educativa | Oferta Social | |
|---------------------|--------------------|---------------|-------------------------------|
| | Jardim de Infância | Creche | Componente de Apoio à Família |
| Arcozelo da Serra | ME | | IPSS |
| Figueiró da Serra | ME | | CMG |
| Folgosinho | ME | | CMG |
| Melo | ME | IPSS | IPSS |
| Moimenta da Serra | ME | IPSS | IPSS |
| Nabais | ME | | IPSS+CMG |
| Nespereira | ME | | IPSS |
| Paços da Serra | ME | IPSS | IPSS |
| S. Julião – Gouveia | IPSS | IPSS | IPSS |
| S. Paio | ME | | CMG |
| S. Pedro – Gouveia | ME + IPSS | IPSS | IPSS + CMG |
| Vila Nova de Tazem | ME + IPSS | IPSS | IPSS + CMG |
| Vinhó | ME | | IPSS + CMG |

ME – Ministério da Educação

IPSS – Instituição Particular de Solidariedade Social

CMG – Câmara Municipal de Gouveia

2.2.2 - 1º CICLO DO ENSINO BÁSICO

O 1º Ciclo do Ensino Básico engloba os quatro primeiros anos de escolaridade (1.º ao 4.º ano), sendo frequentado, em 2011/2012, por 388 alunos estando a oferta assegurada nas seguintes freguesias:

| FREGUESIA | Oferta Educativa | | Oferta Social | |
|---------------------|------------------|------------|---------------|------|
| | 1º Ciclo | AEC's | Almoço | ATL |
| Arcozelo da Serra | ME | CMG | IPSS | IPSS |
| Folgosinho | ME | CMG | CMG | |
| Lagarinhos | ME | CMG + IPSS | IPSS | IPSS |
| Melo | ME | CMG | IPSS | IPSS |
| Moimenta da Serra | ME | CMG + IPSS | IPSS | IPSS |
| Nespereira | ME | CMG | IPSS | IPSS |
| Paços da Serra | ME | CMG | IPSS | IPSS |
| S. Julião - Gouveia | ME | CMG + IPSS | IPSS | IPSS |
| S. Paio | ME | CMG | IPSS | |
| S. Pedro - Gouveia | ME | CMG + IPSS | IPSS | IPSS |
| Vila Nova de Tazem | ME | CMG + IPSS | IPSS | IPSS |
| Vinhó | ME | CMG | CMG | IPSS |

AEC's – Atividades de Enriquecimento Curricular

ME – Ministério da Educação

IPSS – Instituição Particular de Solidariedade Social

CMG – Câmara Municipal de Gouveia

2.2.3 - 2º CICLO DO ENSINO BÁSICO:

O 2º Ciclo do Ensino Básico encontra-se a funcionar na Escola Sede do Agrupamento e na Escola do 2.º e 3.º Ciclos de Vila Nova de Tazem, sendo frequentado por 260 alunos distribuídos por 14 turmas (2011/2012).

| Ano | Escola | 2011/2012 | 2012/2013 | 2013/2014 | 2014/2015 |
|---------|--------------------|-----------|-----------|-----------|-----------|
| 5.º Ano | Vila Nova de Tazem | 1 | | | |
| | EB2 de Gouveia | 6 | | | |
| 6.º Ano | Vila Nova de Tazem | 2 | | | |
| | EB2 de Gouveia | 5 | | | |
| Totais | | 14 | | | |

2.2.4 - 3º CICLO DO ENSINO BÁSICO:

O 3º Ciclo do Ensino Básico encontra-se a funcionar na Escola Sede do Agrupamento e na Escola do 2.º e 3.º Ciclos de Vila Nova de Tazem, sendo frequentado por 420 alunos distribuídos por 20 turmas do ensino regular e 4 turmas de Cursos de Educação e Formação (2011/2012):

| Ano | Escola | 2011/2012 | | 2012/2013 | | 2013/2014 | | 2014/2015 | |
|---------|--------------------|-----------|-----|-----------|-----|-----------|-----|-----------|-----|
| | | REG | CEF | REG | CEF | REG | CEF | REG | CEF |
| 7.º Ano | Vila Nova de Tazem | 2 | 0 | | | | | | |
| | EB23/S de Gouveia | 5 | 0 | | | | | | |
| 8.º Ano | Vila Nova de Tazem | 2 | 0 | | | | | | |
| | EB23/S de Gouveia | 5 | 1 | | | | | | |
| 9.º Ano | Vila Nova de Tazem | 1 | 1 | | | | | | |
| | EB23/S de Gouveia | 4 | 2 | | | | | | |
| Totais | | 20 | 4 | | | | | | |

2.3 ENSINO SECUNDÁRIO

Esta oferta educativa é frequentada na Escola sede do Agrupamento por 277 alunos, em 2011/2012, e reparte-se entre o ensino regular, a via profissionalizante, e cursos EFA-NS, em regime noturno, nos seguintes termos:

| Ano | 2011/2012 | | | | 2012/2013 | | | | 2013/2014 | | | | 2014/2015 | | | |
|---------|-----------|----|----|-----|-----------|----|----|-----|-----------|----|----|-----|-----------|----|----|-----|
| | CT | LH | PF | EFA | CT | LH | PF | EFA | CT | LH | PF | EFA | CT | LH | PF | EFA |
| 10.ºAno | 3 | 1 | 2 | 2 | | | | | | | | | | | | |
| 11.ºAno | 3 | 1 | 1 | | | | | | | | | | | | | |
| 12.ºAno | 2 | 1 | 2 | | | | | | | | | | | | | |
| Totais | 8 | 3 | 5 | 2 | | | | | | | | | | | | |

CT – Curso de Ciências e Tecnologias

LH – Curso de Línguas e Humanidades

PF – Cursos profissionais

EFA – Educação e Formação de Adultos

Cursos Profissionais:

Ano 1 (Início em 2011/2012)

- Técnico de Gestão e Programação de Sistemas Informáticos;
- Técnico de Gestão Desportiva;

Ano 2 (Início em 2010/2011)

- Técnico de Instalações Eléctricas;

Ano 3 (Início em 2009/2010)

- Técnico de Energias Renováveis;
- Técnico de Electrónica, Automação e Computadores;

Curso de Educação e Formação de Adultos – Nível Secundário

- 2 turmas - regime pós-laboral

3. DIAGNÓSTICO ESCOLAR

As alterações sociais decorrentes do desenvolvimento técnico e científico, que se processa a um ritmo cada vez mais acelerado, e as alterações na estrutura familiar tradicional, têm colocado à Escola uma série de novos desafios, como a integração social, ou a educação para o exercício da cidadania, a educação para a sexualidade responsável, a educação para uma consciência ética e ecológica, entre outros.

Hoje, com o acentuar de uma crise económica global, as nossas famílias e, por consequência, os nossos alunos enfrentam problemas sociais acrescidos, com repercussões nas suas necessidades mais básicas e, tantas vezes, nas suas perspectivas de futuro.

É necessário estar atento e é urgente repensar e procurar soluções para os novos ou reformulados problemas, como os de indisciplina, de violência, de falta de civismo, de apatia perante o futuro, entre outros, com grandes reflexos no rendimento e no sucesso dos nossos alunos.

Conhecer a realidade envolvente dos alunos da nossa Escola será um passo determinante para transformar as necessidades diagnosticadas em oportunidades, contando para tal, com as capacidades de que são portadores e que, no fundo, terão de ser o motor de qualquer processo educativo que vise o sucesso integral de todos os envolvidos.

3.1 EDUCAÇÃO PRÉ-ESCOLAR

Tendo em conta a rede oficial de Jardins de Infância (Ministério da Educação) e a rede privada (IPSS's), o concelho de Gouveia possui uma cobertura integral, não se tendo registado, nos últimos anos, nenhum caso de crianças que ingressem no 1.º Ciclo sem frequência da Educação Pré-Escolar.

Tendo como referência as “Orientações Curriculares” e as “Metas de Aprendizagem” para a Educação Pré-Escolar, emitidas pelo Ministério da Educação, foram definidas as “Competências Essenciais” nas diferentes Áreas de Conteúdo.

De acordo com os dados do relatório de avaliação final do Agrupamento, no ano letivo de 2010/2011, no que se refere as áreas de conteúdo da Educação Pré-Escolar, registaram-se os seguintes resultados na aquisição e desenvolvimento das competências traçadas:

| Áreas de Conteúdo | Competências adquiridas em 2010/2011 |
|--------------------------------------|--|
| Formação Pessoal e Social | Globalmente, atingiu-se um valor de 97 % |
| Conhecimento do Mundo | Globalmente, atingiu-se um valor de 95 % |
| Linguagem Oral e Abordagem à Escrita | Globalmente, atingiu-se um valor de 95 % |
| Matemática | Globalmente, atingiu-se um valor de 96 % |
| Expressões | Globalmente, atingiu-se um valor de 98% |

3.2 ENSINO BÁSICO

Taxa de Sucesso do Agrupamento em 2010/2011 no ensino básico - Regular

| Ensino/Modalidade/Ano ou Tipo | | Taxa de Sucesso | |
|-------------------------------|---------|-----------------|----------|
| | | da UO | Nacional |
| Básico | | 92,62% | 92,05% |
| | Regular | 92,62% | 92,32% |
| | 1º Ano | 98,91% | 100,0 % |
| | 2º Ano | 96,19% | 93,10 % |
| | 3º Ano | 99,05% | 97,40 % |
| | 4º Ano | 100,0% | 96,30 % |
| | 5º Ano | 95,65% | 92,30 % |
| | 6º Ano | 97,76% | 92,50 % |
| | 7º Ano | 83,78% | 84,10 % |
| | 8º Ano | 86,49% | 89,70 % |
| | 9º Ano | 78,26% | 86,20 % |

UO – Unidade Orgânica (Agrupamento)

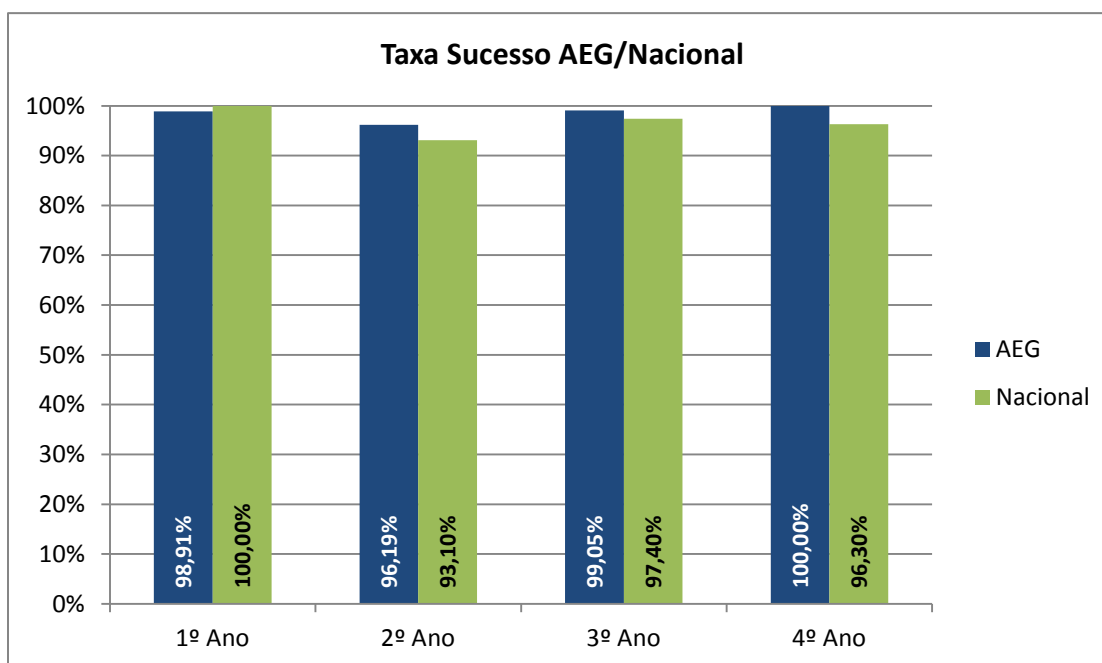


Gráfico 1 - Taxa de Sucesso AEG/Nacional 2010/11 - 1º Ciclo do Ensino Básico

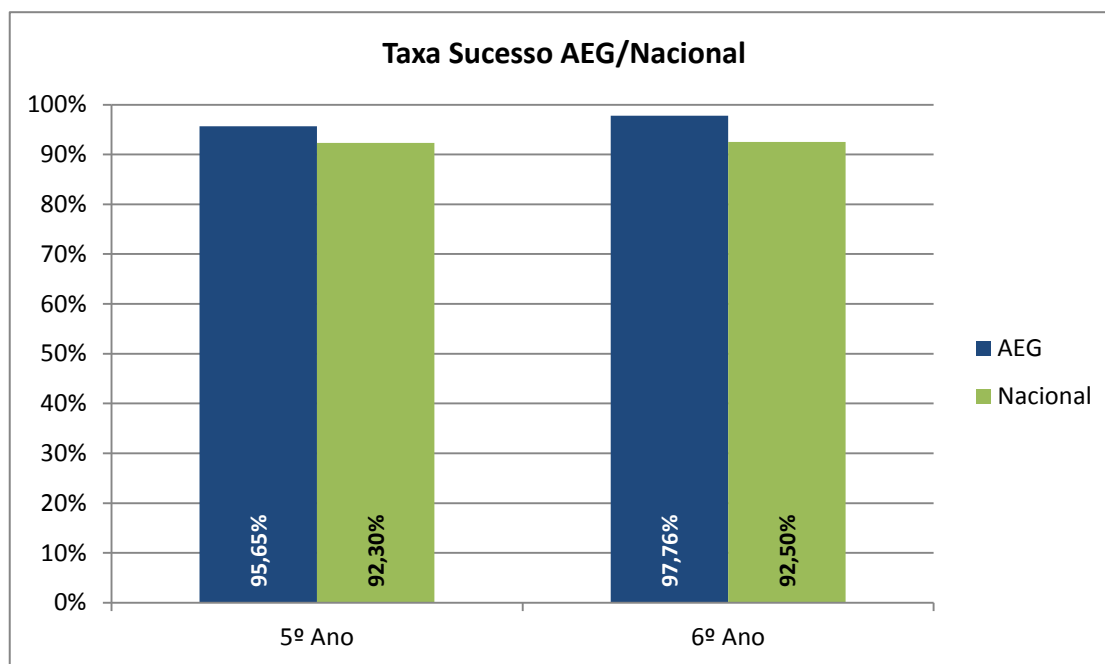


Gráfico 2 - Taxa de Sucesso AEG/Nacional 2010/11 - 2º Ciclo do Ensino Básico

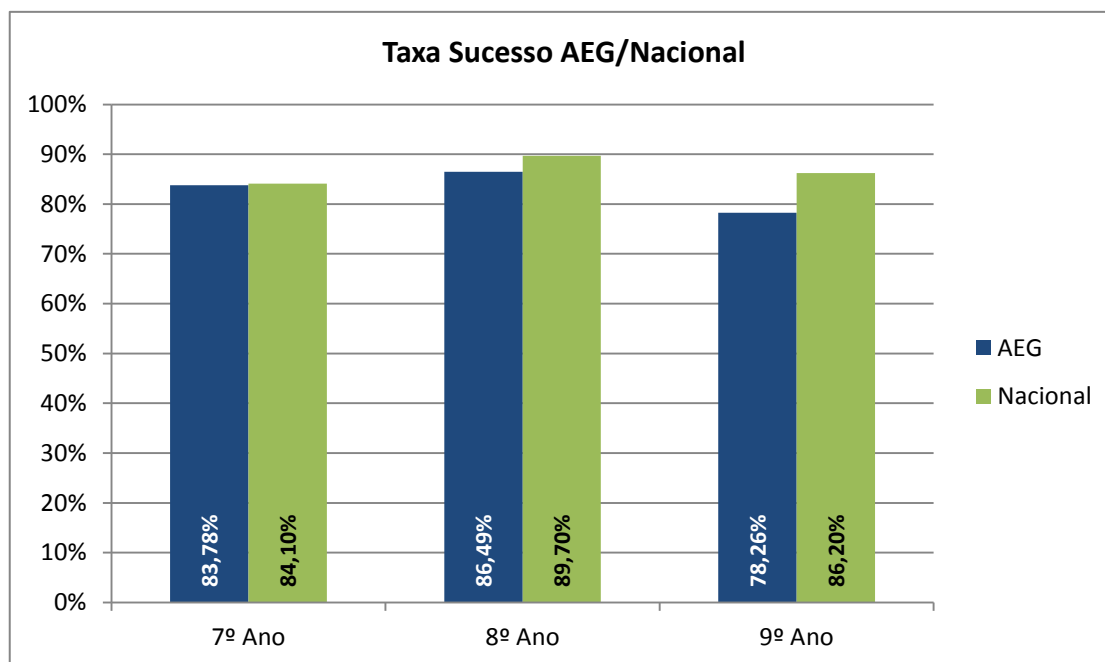


Gráfico 3 - Taxa de Sucesso AEG/Nacional - 2010/2011 - 3º Ciclo do Ensino Básico

Taxa de Sucesso do Agrupamento em 2010/2011 no ensino básico – Cursos de Educação e Formação

| Ensino/Modalidade/Ano ou Tipo | | Taxa de Sucesso | |
|-------------------------------|--------|-----------------|----------|
| | | da UO | Nacional |
| CEF | | 92,68% | 91,78% |
| | Tipo 2 | 90,32% | 91,70 % |
| | Tipo 3 | 100,0% | 94,10 % |

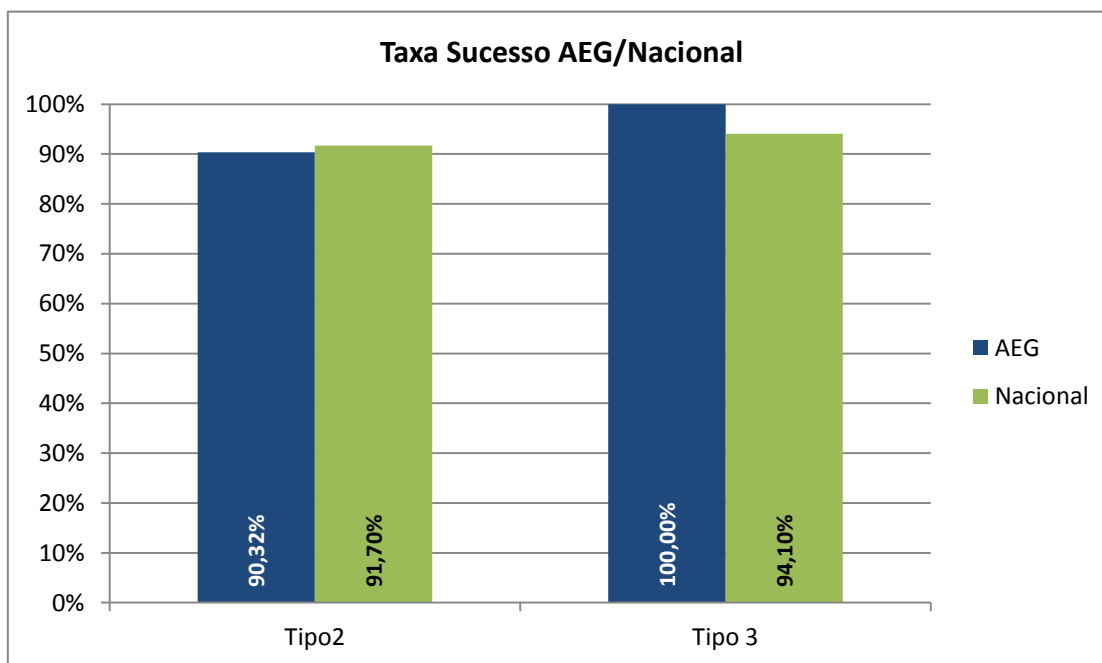


Gráfico 4 - Taxa de Sucesso AEG/Nacional - 2010/2011 – C. de Educação e Formação

3.2.1 – ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE A AVALIAÇÃO EXTERNA E EXTERNA

| Análise à avaliação externa - Provas de Aferição/taxa de sucesso | | | | | |
|--|-----|-------------|----------|-------------|----------|
| | | 2009/2010 | | 2010/2011 | |
| | | Agrupamento | Nacional | Agrupamento | Nacional |
| 4º Ano | LPO | 91,4% | 91,3% | 83,5% | 87,6% |
| | MAT | 97,8% | 88,4% | 93,0% | 80,3% |
| 6º Ano | LPO | 78,2% | 88,0% | 83,6% | 84,3% |
| | MAT | 76,1% | 76,1% | 62,6% | 64,7% |

| | | Análise à avaliação externa – Exames Nacionais /Taxa de sucesso | | | |
|--------|-----|---|----------|-------------|----------|
| | | 2009/2010 | | 2010/2011 | |
| | | Agrupamento | Nacional | Agrupamento | Nacional |
| 9º Ano | LPO | 80,9% | 71,7% | 57% | * |
| | MAT | 53,2% | 51,0% | 46% | * |

2.2.3 – Abandono Escolar

Existem dois registos de abandono escolar relativamente ao Ensino Básico:

- 1 aluno do 2º ano de escolaridade (de etnia cigana, desconhecendo-se o paradeiro da família);
- 1 aluno do 9º ano de escolaridade.

3.3 ENSINO SECUNDÁRIO

Taxa de Sucesso no Agrupamento em 2010/2011- Cursos Regulares

| Ensino/Modalidade/Ano ou Tipo | | | Taxa de Sucesso | |
|-------------------------------|---------------------|---------|-----------------|----------|
| | | | da UO | Nacional |
| Secundário | | | 82,27% | 81,63% |
| | Regular Tecnológico | | 55,56% | 74,71% |
| | | 12º Ano | 55,56% | 61,20 % |
| | Regular CH | | 82,61% | 79,43% |
| | | 10º Ano | 89,41% | 84,80 % |
| | | 11º Ano | 84,85% | 89,00 % |
| | | 12º Ano | 69,64% | 63,30 % |

Taxa de Sucesso no Agrupamento em 2010/2011- Cursos Profissionais

| Ensino/Modalidade/Ano ou Tipo | | | Taxa de Sucesso | |
|-------------------------------|--------------|--------|-----------------|----------|
| | | | da UO | Nacional |
| Secundário | | | 82,27% | 81,63% |
| | Profissional | | 89,55% | 87,94% |
| | | 1º Ano | 100,0% | 96,7 % |
| | | 2º Ano | 100,0% | 98,9 % |
| | | 3º Ano | 77,42% | 67,1 % |

Taxa de Sucesso no Agrupamento em 2010/2011- Cursos EFA

| Ensino/Modalidade/Ano ou Tipo | | Taxa de Sucesso | |
|-------------------------------|-----|-----------------|----------|
| | | da UO | Nacional |
| Secundário | | 82,27% | 81,63% |
| | EFA | 62,50% | 85,01% |

2.3.2 – Análise comparativa entre a avaliação interna e externa de 2010/2011 – 1ª Fase

| Disciplina | CIF - UO | Exames da UO | CIF - Nacional | Médias Nacionais |
|-------------------------------|----------|--------------|----------------|------------------|
| Português – 639 | 13,25 | 9,20 | 13,5 | 9,6 |
| Biologia e Geol - 702 | 12,30 | 11,11 | 13,6 | 11 |
| MACS - 835 | 13,20 | 8,30 | 13 | 11,3 |
| Inglês - 550 | ----- | 17,5 | 14 | 10,3 |
| Física e Química - 715 | 12,30 | 8,20 | 13,1 | 10,5 |
| Geografia – 719 | 13,40 | 12,70 | 13,2 | 11,3 |
| Geometria 708 | 13,10 | 6,9 | 15 | 10 |
| Matemática A – 635 | 12,27 | 8 | 13,5 | 10,6 |
| Matemática B - 735 | ----- | 4,53 | 13. | 11,9 |
| História A - 623 | 12,5 | 9,4 | 13,1 | 10,5 |
| Economia – 712 | ----- | 7,6 | 14 | 12 |

2.3.3 – Abandono Escolar

Não existem registos de abandono escolar relativamente ao Ensino Secundário

4. METAS E MISSÃO

Transformar o Agrupamento de Escolas de Gouveia num espaço privilegiado para a (re)descoberta dos valores, nomeadamente na promoção do trabalho em equipa, compreendendo que a aquisição de conhecimentos e competências serão facilitadoras da realização de percursos pessoais e sociais, e valorizar a escola enquanto espaço privilegiado para a cidadania, procurando atingir um elevado grau de satisfação da comunidade educativa, é a Missão a que nos propomos, sustentando a ação nos seguintes propósitos:

- Cumprir a Lei de Bases do Sistema Educativo e regulamentações subsequentes;
- Promover o desenvolvimento integral e harmonioso da pessoa humana nas vertentes: sensorial, física, intelectual, artística, cívica e moral;
- Contribuir para que os alunos desenvolvam competências, adquiram aprendizagens, atitudes e valores, que lhes permitam com sucesso o seguimento de estudos e/ou a sua inserção na vida ativa;
- Favorecer o sucesso educativo e a igualdade de oportunidades, respeitando ritmos diferenciados de aprendizagem, através da flexibilização curricular, diferenciação pedagógica e diversificação de metodologias nas atividades curriculares e de enriquecimento curricular;
- Promover a capacidade de intervenção da escola na promoção de uma sociedade mais cívica, democrática, justa e humanista;
- Fomentar o envolvimento ativo de todos os atores educativos na vida e nos órgãos da Escola, numa linha de responsabilização de todos por causas que são comuns;
- Dar primazia à avaliação formativa com valorização dos processos de autoavaliação regulada e sua articulação com os momentos da avaliação sumativa;
- Promover a valorização da evolução do aluno;
- Incentivar a utilização de modos e instrumentos de avaliação diversificados;
- Fomentar a transparência dos processos de avaliação, nomeadamente, através da clarificação e da explicitação dos critérios adotados;
- Consolidar a diversificação dos intervenientes no processo de avaliação: professores, alunos, encarregados de educação, assistentes operacionais e técnicos especializados de apoio educativo.

4.1 METAS GLOBAIS

| Domínio | Objectivo | Meta | Situação Nacional | Situação AEG 2011 | Metas AEG 2015 |
|---|---|---|--|--|---|
| Educação Pré-escolar | Aumentar a oferta de educação pré-escolar. | Em 2021, 100% das crianças entre os 3 anos e a idade de início da escolaridade obrigatória frequentam a educação pré-escolar. | - 88,2% Fonte: Estatísticas da Educação, 2010 (ano de referência 2008/2009, valores para Portugal Continental) | - 100% | - 100% |
| Competências básicas dos alunos na escolaridade obrigatória | Baixar a percentagem de alunos com baixo nível nas provas nacionais e aumentar a percentagem de alunos com melhores resultados. | Reduzir, até 2021, entre 10 e 20% a percentagem de alunos com baixo rendimento e aumentar entre 10 e 20% os alunos com melhores níveis de rendimento. | | Concluíram: 1ºCiclo- 98,5% 2ºCiclo- 97% 3ºCiclo- 83% | 1ºCiclo- 100% 2ºCiclo- 100% 3ºCiclo- 98% |
| Ensino Secundário | Aumentar o número de jovens que terminam o ensino secundário. | Assegurar que, até 2021, entre 60% a 90% de jovens terminam o ensino secundário. | - 55,5% de jovens (20-24 anos) completou pelo menos o ensino secundário. Fonte: Eurostat (dados de 2008) | - 89 % dos alunos concluíram o ensino secundário regular - 81% dos alunos concluíram os C.profissionais | - 94 % (C.Regulares) - 95% (C.Profissionais) |
| Bibliotecas Escolares | Disponibilizar uma biblioteca em cada escola. | Assegurar que, em 2021, 100% das escolas têm biblioteca | - Bibliotecas: EB23 - 100%; ES - 90%; Fontes: Relatório de Avaliação Externa da Rede de Bibliotecas Escolares GEPE/ME | - 100% | - 100% |

Agrupamento de Escolas de Gouveia

| | | | | | |
|---|---|--|--|---|---|
| Grau de empregabilidade das formações profissionais | Aumentar a taxa de inserção profissional dos alunos dos Cursos Profissionais e CEF em áreas associadas à respectiva formação. | Em 2021, entre 50% e 75% dos jovens que terminam estas formações são inseridos no mercado de trabalho em áreas associadas à formação frequentada | - Ensino profissional - 34,8%; - CEF - 32,5% Fonte: OTES/GEPE (dados de 2008/2009) | - Ensino profissional - 30%; - CEF - não se aplica | - Ensino profissional - 30%; - CEF - não se aplica |
| Aprendizagem ao longo da vida | Aumentar a participação de jovens e adultos em programas de formação contínua presencial e à distância | 20% dos jovens e adultos participam em atividades de formação em 2021 | - 6,5% Fonte: INE, Inquérito ao Emprego, 2009 (dados referentes a 2008) | - 5,7% | - 5,7% |

4.2 - METAS ESPECÍFICAS

TOMANDO COMO BASE TRÊS INDICADORES DE REFERÊNCIA: OS RESULTADOS DAS PROVAS nacionais de aferição e de exame, as taxas anuais de repetência e as de desistência, são apontadas as metas para o Agrupamento de Escolas de Gouveia, assumidas para o corrente ano lectivo e sustentadas pela análise dos resultados obtidos em 2009/2010 e as metas apontadas pelo ME para 2015.

– Resultados de provas e exames nacionais – Língua Portuguesa e Matemática

| Indicador 1 | |
|-------------|---|
| Objectivo | Avaliar a progressão entre os resultados das provas de aferição e dos exames nacionais do ensino básico e secundário entre anos consecutivos, nas disciplinas de Língua Portuguesa e de Matemática. |
| Âmbito | São calculados valores para estes indicadores relativamente aos 4.º, 6.º, 9.º e 12.º anos de escolaridade, d Agrupamento de Escolas de Gouveia. |
| Cálculo | Para os 4.º e 6.º e 9.º anos de escolaridade: diferença entre as percentagens de alunos com classificações positivas (A, B e C) nas provas de aferição e exames nacionais do ensino básico, num ano letivo e as percentagens do ano letivo consecutivo. Para o 12.º ano de escolaridade: diferença entre as percentagens de alunos com classificações positivas nos exames nacionais do ensino secundário, num ano lectivo e as percentagens do ano lectivo consecutivo. |

| | 2009/2010 | | | Metas para a Unidade Orgânica | | | | | Meta Nacional 2015 |
|----------------------------|-----------|-----------|----------|-------------------------------|-----------|-----------|-----------|-----------|--------------------|
| | Nacional | Concelhio | UO | 2010/2011 | 2011/2012 | 2012/2013 | 2013/2014 | 2014/2015 | |
| Língua Portuguesa - 4º Ano | 91.0 % | 88.6 % | 88.6 % ⊕ | 90 % | 91 % | 92 % | 93 % | 94 % | 95.0 % |
| Matemática - 4º Ano | 88.0 % | 98.4 % | 98.4 % ⊕ | 98.5 % | 98.5 % | 99 % | 99 % | 99 % | 92.0 % |
| Língua Portuguesa - 6º Ano | 88.0 % | 83.7 % | 83.7 % ⊕ | 84 % | 86 % | 88 % | 90 % | 92 % | 92.0 % |
| Matemática - 6º Ano | 76.0 % | 77.0 % | 77.0 % ⊕ | 78 % | 78 % | 79 % | 79 % | 80 % | 80.0 % |
| Língua Portuguesa - 9º Ano | 71.0 % | 80.9 % | 80.9 % ⊕ | 81 % | 81 % | 82 % | 82 % | 83 % | 75.0 % |
| Matemática - 9º Ano | 51.0 % | 53.2 % | 53.2 % ⊕ | 53.5 % | 53.5 % | 54 % | 54 % | 55 % | 55.0 % |
| Português - 12º Ano | 61.0 % | 48.3 % | 48.3 % ⊕ | 52 % | 55 % | 58 % | 62 % | 65 % | 65.0 % |
| Matemática A - 12º Ano | 66.0 % | 54.3 % | 54.3 % ⊕ | 55 % | 57 % | 60 % | 62 % | 65 % | 70.0 % |

Valores de base:

Percentagens nacionais e concelhias relativas às diversas provas de exames e provas de aferição, relativamente ao ano lectivo 2009/2010.

3.2.2 – Taxa de repetência

| Indicador 2 | |
|-------------|---|
| Objectivo | Avaliar o grau de sucesso nos diversos anos de escolaridade. |
| Âmbito | São calculados valores para estes indicadores para todos os anos de escolaridade do Agrupamento de Escolas de Gouveia. |
| Cálculo | Relação entre o número de alunos que não transita para o ano de escolaridade subsequente relativamente ao total de alunos matriculados e avaliados, num determinado ano de escolaridade, expressa em percentagem. |

| | 2009/2010 | | | Metas para a Unidade Orgânica | | | | | Meta Nacional 2015 |
|-------------------|---------------|---------------|---------------|-------------------------------|-----------|-----------|-----------|-----------|--------------------|
| | Nacional | Concelhio | UO | 2010/2011 | 2011/2012 | 2012/2013 | 2013/2014 | 2014/2015 | |
| 1º ano | 0.0 % | 1.0 % | 1.0 % ⊕ | 0 % | 0 % | 0 % | 0 % | 0 % | |
| 2º ano | 7.6 % | 7.0 % | 7.0 % ⊕ | 5 % | 4 % | 3 % | 2 % | 0 % | |
| 3º ano | 3.3 % | 0.8 % | 0.8 % ⊕ | 0.8 % | 0 % | 0 % | 0 % | 0 % | |
| 4º ano | 4.2 % | 2.1 % | 2.1 % ⊕ | 1.5 % | 1 % | 0.5 % | 0 % | 0 % | |
| 1º Ciclo | 4.1 % | 2.7 % | 2.7 % | | | | | | 2.0 % |
| 5º ano | 7.6 % | 1.5 % | 1.5 % ⊕ | 1 % | 0.5 % | 0 % | 0 % | 0 % | |
| 6º ano | 8.6 % | 3.5 % | 3.5 % ⊕ | 3 % | 2.5 % | 2 % | 1 % | 0 % | |
| 2º Ciclo | 8.1 % | 2.6 % | 2.6 % | | | | | | 5.0 % |
| 7º ano | 16.7 % | 10.2 % | 10.2 % ⊕ | 8 % | 6 % | 3 % | 2 % | 0 % | |
| 8º ano | 11.0 % | 6.8 % | 6.8 % ⊕ | 6 % | 4 % | 3 % | 1 % | 0 % | |
| 9º ano | 12.7 % | 16.7 % | 16.7 % ⊕ | 14 % | 10 % | 6 % | 3 % | 0 % | |
| 3º Ciclo | 13.6 % | 11.7 % | 11.7 % | | | | | | 10.0 % |
| 10º ano | 13.4 % | 20.9 % | 20.9 % ⊕ | 20 % | 18 % | 16 % | 15 % | 12 % | |
| 11º ano | 9.1 % | 14.4 % | 14.4 % ⊕ | 14 % | 12 % | 11 % | 10 % | 8 % | |
| 12º ano | 32.9 % | 26.2 % | 26.2 % ⊕ | 25 % | 24 % | 22 % | 18 % | 15 % | |
| Secundário | 17.9 % | 20.4 % | 20.4 % | | | | | | 12.0 % |

3.2.3 – Taxa de desistência

| Indicador 3 | |
|-------------|--|
| Objectivo | Avaliar o grau de cumprimento do objectivo de assegurar a escolaridade obrigatória de 12 anos. |
| Âmbito | São calculados valores para estes indicadores para os alunos com idades de 14, 15 e 16 anos. |
| Cálculo | Taxa de desistência até aos 14 anos Taxa de desistência aos 15 anos Taxa de desistência aos 16 anos Percentagem dos alunos matriculados no sistema público de educação até aos 14 anos, aos 15 anos e 16 anos em 2008/2009 e que não se matricularam no mesmo sistema em 2009/2010, a nível nacional e concelhio. |

| | 2009/2010 | | | Metas para a Unidade Orgânica | | | | | Meta Nacional 2015 |
|-------------|-----------|-----------|-----|-------------------------------|-----------|-----------|-----------|-----------|--------------------|
| | Nacional | Concelhio | UO | 2010/2011 | 2011/2012 | 2012/2013 | 2013/2014 | 2014/2015 | |
| aos 14 anos | 1.8 % | 9.6 % | 1 % | 0 % | 0 % | 0 % | 0 % | 0 % | < 1.0 % |
| aos 15 anos | 9.3 % | 14.4 % | 1 % | 0 % | 0 % | 0 % | 0 % | 0 % | < 2.0 % |
| aos 16 anos | 13.1 % | 12.9 % | 1 % | 0 % | 0 % | 0 % | 0 % | 0 % | < 4.0 % |

5. PRINCIPAIS OBJECTIVOS, ESTRATÉGIAS E METAS

Tendo em conta o tratamento dos indicadores e a análise da informação apresentados devem ter em atenção e um acompanhamento especiais por todos os atores educativos, apontam-se, de seguida, em várias áreas, alguns objetivos, estratégias e metas a atingir visando a superação dos constrangimentos identificados, através do envolvimento ativo de todos os atores que intervêm no processo educativo e formativo. Neste processo, a Escola, a Família e a Comunidade jamais poderão deixar de ter em conta a sua ligação intrínseca, sabendo que nenhuma delas funciona devidamente sem a participação ativa de cada uma das outras. Desta relação sadia é que se poderá vislumbrar:

- sucesso educativo enquanto realização pessoal e colectiva de todos os membros da comunidade escolar;
- formas de organização, focadas nas metas a atingir, com especial relevo para as atividades curriculares em sala de aula, mas também para trabalho realizado em outros contextos;
- processos de trabalho e de avaliação da aprendizagem focados nas metas, que permitam otimizar o progresso dos alunos de cada turma;
- Competências técnicas e humanas onde, para além do saber e do saber fazer, se destaque o saber estar de todos os alunos;
- Envolvimento das famílias no apoio ao desenvolvimento das competências básicas das crianças e jovens, incentivando-os ao estudo e a um sadio desempenho pessoal, social, profissional e vocacional.

5.1 - NO ÂMBITO DA FORMAÇÃO

Objectivos

- Promover um ensino com saberes resultantes de práticas assentes em exigência, criatividade, inovação, tolerância, autonomia e espírito crítico;
- Incluir, valorizar e partilhar todos os saberes e culturas como factor de sucesso e convívio equilibrado de todos os alunos;
- Integrar de forma transversal as TIC;
- Promover a formação para pessoal docente e não docente.

Estratégias

- Promovendo a investigação/aprendizagem/intervenção, valorizando, no currículo escolar, os saberes inerentes ao conhecimento do património cultural, arquitectónico e ambiental;
- Utilizando as vivências dos alunos, ligando-as a situações do quotidiano, no intuito do desenvolvimento do processo ensino aprendizagem;
- Estimulando a realização de trabalhos de projeto que permitam aos alunos a aquisição de saberes transdisciplinares e interdisciplinares e o desenvolvimento de competências diversas, nomeadamente de pesquisa, de reflexão e de crítica construtiva;
- Criando Clubes que permitam, entre outras coisas, o desenvolvimento das competências de comunicação e de criatividade;
- Diversificando a área de Desporto Escolar fomentando a sua prática através da colaboração e apoio na área da expressão físico-motora e da dinamização de modalidades desportivas, podendo assumir as vertentes de enriquecimento ou de complemento curricular;
- Organizando eventos que fomentem a aprendizagem, a pesquisa e o trabalho, designadamente concursos, exposições, debates, encontros e conferências;

- Levando os alunos a pesquisar, selecionar e organizar informação, transformando-a em conhecimento, através da utilização das TIC em contexto escolar, utilizando as “ferramentas e conhecimentos” disponíveis de forma adequada e em segurança;
- Dinamizando sessões específicas para pais e encarregados de educação sobre temáticas, que careçam de ser abordadas para optimização de algum aspecto junto da comunidade educativa;
- Monitorizando o absentismo dos alunos de modo a prevenir o abandono escolar, adoptando medidas preventivas por parte do diretor/titular do grupo/turma;
- Centrando o plano de formação do pessoal docente e não docente no levantamento de necessidades do Agrupamento.

Metas

- Proporcionar pelo menos três atividades integradoras, orientadas para a troca de saberes, que permitam desenvolver nos alunos o espírito de iniciativa, a criatividade, o pensamento crítico, a responsabilidade, a organização e a autonomia.
- Incluir no mínimo três objectivos de educação cívica no desenvolvimento das várias áreas curriculares;
- Incorporar no currículo, o equivalente a pelo menos três blocos horários, dos saberes e vivências do quotidiano em articulação com as aprendizagens escolares;
- Mobilizar os conhecimentos em TIC'S para os diversos saberes, pelo menos, em 10% das atividades desenvolvidas em cada ciclo, de acordo com o respectivo currículo;
- Consolidar as taxas de sucesso educativo dos alunos e melhorar em pelo menos 1% nos anos de escolaridade que apresentem médias inferiores às taxas nacionais;
- Erradicar a taxa de abandono/desistência escolar em todos os níveis e ciclos de ensino;
- Promover pelo menos dois momentos de formação centrada no Agrupamento para pessoal não docente.

5.2 - NO ÂMBITO DAS ATITUDES

Objectivos

- Desenvolver atitudes de auto estima, responsabilidade, solidariedade, democraticidade e respeito pelos outros;
- Desenvolver nos alunos capacidades de reflexão e formulação de juízos no intuito de tomadas de decisão responsáveis;
- Promover atitudes e hábitos de vida saudáveis;

Estratégias

- Dinamizando o gabinete de atendimento/apoio ao aluno;
- Contratualizando com os alunos regras e formas de atuação;
- Avaliando com regularidade o cumprimento do estipulado no contrato;
- Promovendo e valorizando as intervenções individuais dos alunos;
- Recorrendo a atividades de autocritica e reflexão (auto e heteroavaliação), no intuito de melhorar e superar as dificuldades;
- Mediando a aplicação do novo regime disciplinar dos alunos, de modo a sustentar a prevenção de situações problemáticas;
- Realizando atividades/trabalhos de grupo que promovam a interação entre os alunos e impliquem a partilha de opiniões/ideias e o respeito no convívio com os outros;
- Criando situações que motivem e impliquem a participação e responsabilização dos Encarregados de Educação na vida escolar dos educandos;
- Divulgando as regras comportamentais de modo explícito entre os alunos e professores, pessoal não docente e encarregados de educação;

- Sensibilizando a população escolar e a comunidade para a preservação ambiental, através de ações práticas, possibilitando às escolas/turma que promovam a educação ambiental e a educação para a saúde;
- Criando equipas interdisciplinares relacionadas com temáticas prioritárias.

Metas

- Realizar, pelo menos, uma catividade por turma que promova a relação com o espaço e o tempo e que esteja direcionada para hábitos de vida saudáveis.
- Reduzir em 10% os procedimentos e as medidas disciplinares, privilegiando medidas corretivas;
- Realizar atividades que apelem ao trabalho de equipa e cumprimento de regras, como por exemplo “Jogos tradicionais”;
- Realizar pelo menos 20% das atividades direcionadas para a valorização do meio envolvente e do património local.

5.3 - NO ÂMBITO RELACIONAL

Objectivos

- Garantir a democraticidade interna das decisões na defesa de uma escola democrática e livre, que preserve a igualdade de tratamento a todos os seus atores.
- Incrementar a participação dos pais/Encarregados de Educação.
- Estabelecer parcerias e articular atividades entre os estabelecimentos de educação e de ensino, as colectividades, a autarquia e a comunidade em geral.

Estratégias

- Estabelecendo uma rede de comunicação eficaz na comunidade escolar e com os parceiros da comunidade educativa;
- Fomentando e agilizando a circulação da informação por via electrónica;
- Utilizando o jornal escolar e/ou os jornais regionais para divulgação das atividades e trabalhos realizados pela comunidade escolar;
- Estabelecendo protocolos de parceria com outras instituições e/ou associações;
- Promovendo encontros informais visando o diálogo da escola com a família, consciencializando os pais e encarregados de educação para o papel que lhes cabe na vida escolar dos seus educandos;
- Incrementando a realização de reuniões mais regulares com os encarregados de educação de cada turma e o respectivo corpo docente;
- Melhorando a articulação do plano de atividades com outras entidades locais;
- Valorizando o papel da Escola no meio envolvente, recorrendo à realização de atividades em espaços exteriores à escola.

Metas

- Estabelecer pelo menos três parcerias com organizações da comunidade.
- Realizar pelo menos uma atividade por período com projeção externa, com dimensão interdisciplinar e/ou inter-ciclos;
- Promover pelo menos duas reuniões inter-ciclos.
- Realizar atividades integradoras aberta a toda a comunidade tais como: “ Troca de saberes”, “Profissões de Ontem, Hoje e Amanhã”;
- Promover pelo menos uma atividade anual que reúna a comunidade educativa, favorecendo o convívio franco entre os membros;

5.4 - NO ÂMBITO DOS RECURSOS FÍSICOS

Objectivos

- Dotar os estabelecimentos de todos os meios necessários à optimização do processo ensino/aprendizagem.
- Criar condições para que todos os departamentos curriculares tenham um espaço e equipamento de trabalho adequados.
- Organizar a vida e os espaços das escolas, no sentido de assegurar a sua polivalência para o funcionamento de algumas atividades.

Estratégias

- Adoptando medidas para que todos os departamentos tenham equipamento de trabalho e instalações adequadas;
- Adoptando medidas para que todos os estabelecimentos possam dispor de equipamentos na área das TIC, com acesso à Internet;
- Concebendo bolsas de recursos pedagógicos adequados para responder aos desafios apresentados e às necessidades subjacentes à dispersão geográfica dos estabelecimentos, com a criação, na Escola sede, de um Centro de Recursos;
- Assumindo medidas que garantam a segurança nas escolas;
- Rentabilizando a cantina, bar, espaços verdes e outros para o desenvolvimento das atividades pré-profissionais.

Metas

- Criar um espaço específico de trabalho para os coordenadores de departamento;
- Adaptar alguns espaços da Escola sede para a prática de atividades específicas de natureza lúdico/pedagógica;
- Apetrechamento de uma sala de educação especial com equipamentos adequados às necessidades específicas dos alunos;
- Criar e operacionalizar o “Centro de Recursos”, para que cada estabelecimento possa dispor de materiais enriquecedores e motivadores de práticas educativas inovadoras e eficazes.

5.5 - NO ÂMBITO DOS RECURSOS HUMANOS

Objectivos

- Afectar aos estabelecimentos os recursos humanos necessários à optimização do processo de ensino/aprendizagem, de vigilância e acompanhamento dos alunos;
- Optimizar os serviços administrativos no sentido de darem uma resposta adequada às novas solicitações impostas pelo novo modelo administrativo;
- Estabelecer um bom ambiente de trabalho e de relação entre os órgãos de direção da escola e os restantes elementos da comunidade escolar e destes entre si.

Estratégias

- Elaborando um Plano de Formação do pessoal docente e não docente, centrado no Agrupamento e na satisfação pessoal e profissional dos seus agentes;
- Desenvolvendo dinâmicas de avaliação do desempenho que regulem o seu funcionamento e que elevem a qualidade;
- Proporcionando à equipa do ensino especial um maior envolvimento com outros docentes e outros técnicos de carácter essencial à construção de respostas mais globais e mais eficazes;
- Incentivando o envolvimento com o Agrupamento de pessoas disponíveis ligadas a profissões tradicionais, artísticas, desportivas e outras.

Metas

- Optimização dos recursos humanos disponíveis, dando resposta às necessidades que resultam da constituição deste agrupamento de Escola;
- Garantir respostas adequadas e em tempo útil às solicitações decorrentes da dispersão geográfica dos estabelecimentos de educação e de ensino.
- Criar uma bolsa de recursos humanos (pessoal docente e não docente) que garanta a eficácia da ação educativa em situação de ausência pontual ou prolongada;
- Criar critérios objectivos para distribuição de serviço (docente e não docente).

5.6 - NO APOIO SÓCIO-EDUCATIVO

Objectivos

- Promover a existência de condições que assegurem a plena integração escolar dos alunos;
- Reconhecer a singularidade de cada aluno na sua génese e percurso de vida;
- Fomentar o sentimento de partilha, de forma a estimular o estabelecimento de relações interpessoais harmoniosas e a troca de experiências;
- Promover o equilíbrio afectivo e emocional do aluno ao longo de todo o processo de sociabilização e consequente construção harmoniosa da sua personalidade;
- Garantir que qualquer aluno poderá usufruir de um apoio educativo especial permanente ou temporário.

Estratégias

- Intervindo socialmente junto das crianças e jovens mais desfavorecidos e com necessidades educativas especiais e/ou em situação de “risco”, em colaboração estreita com a CPCJ;
- Praticando uma política de ação social escolar que favoreça a igualdade de acesso e de oportunidades para todas as crianças e jovens, com apoio para material escolar e alimentação, ou necessidades que se venham a diagnosticar;
- Criando um programa de tutorias na modalidade de apoio a estratégias de estudo, orientação e aconselhamento;
- Desenvolvendo atividades de compensação educativa e aulas de recuperação para alunos que manifestarem dificuldades na aquisição de conteúdos fundamentais em qualquer disciplina;
- Garantir o apoio a crianças e jovens através do Projeto “Quero Ajuda”;
- Dinamização do NAE (Núcleo de Apoio ao Educando).

Metas

- Acompanhar e referenciar todas as crianças e jovens que apresentem factores de risco associados a limitações ou incapacidades;
- Dar resposta adequada em 24 horas às solicitações direccionadas ao Projeto “Quero Ajuda”;
- Garantir apoio pedagógico acrescido a todos os alunos sinalizados pelos conselhos de turma, ou pelo professor titular da turma.

6. AVALIAÇÃO

Acompanhar e analisar os resultados obtidos pelo Agrupamento, recorrendo aos resultados da avaliação interna periódica, em confronto com os dados disponíveis do ano anterior, tentando ajustar a intervenção e as estratégias em função dessa avaliação, para que se possam atingir as metas anuais do Agrupamento consideradas como realistas e adequadas.

Para o efeito, deve ser constituído um grupo de trabalho que promova esse trabalho de análise periódico, em conjunto com os coordenadores de departamento e de ciclo.

Especificar:

Quem avalia as metas do ponto anterior?...

Quando?...

Como?...

7. CONCLUSÃO

O presente documento, assumido como Projeto Educativo do Agrupamento de Escolas de Gouveia, pretende constituir-se como um referencial de objectividade à execução das metas a alcançar e sugerindo caminhos a percorrer, tendo em vista a valorização da escola e do meio envolvente, numa perspectiva colectiva de promoção do sucesso educativo.

As propostas que se vislumbram como as mais oportunas, tendo em conta o contexto envolvente, os objectivos definidos, as estratégias e as metas que nos propomos atingir para a solução dos problemas identificados, enriquecido por um conjunto de diversas e diversificadas atividades e projetos contemplados no Plano Anual Atividades, que complementam a formação científica e humana dos alunos, constituem um contributo, por excelência, para a prossecução deste Projeto Educativo, enquanto magno instrumento orientador da ação do Agrupamento.

Este instrumento de referência deve ser objecto de um processo de avaliação e monitorização periódicos, que permitam a adequação dos princípios que lhe estão subjacentes, às reais necessidades dos seus intervenientes.

Quanto às metas de aprendizagem disponibilizadas pelo Ministério da Educação, devem ser entendidas como um instrumento de apoio aos docentes na gestão diária do currículo e não como documento estritamente normativo, pretendendo-se que a sua utilização decorra do reconhecimento da sua utilidade prática e não de uma orientação impositiva, recomendando-se, como tal, uma reflexão a nível de departamento curricular sobre a conveniência das mesmas e a sua utilização prática.

Estamos convictos que este documento, apesar de apontar o caminho a seguir, ele dependerá dos passos que cada ator educativo trilhar e ajudar a trilhar rumo a metas realizadoras de todos os potenciais e efetivos envolvidos nesta caminhada de... VIDA.

Anexo 2 – Autorização para implementação do inquérito por questionário

Apêndices

Apêndice 1 – Caraterização socioeconómica da turma 5°C

Tabela 1 - Caracterização socioeconómica da turma 5°C

| O aluno | | | | Encarregado de Educação | Agregado Familiar | | | | | | | Percursos Escolares | | Condições de Frequência | | | | | | | Atividades Extra Curriculares | Observações |
|---------|------|-------|----------------------|-------------------------|-------------------|------------------|-------|---|-------|--|-----------------------|---------------------|-----------|-------------------------|-------------------------------------|------------------------|-----------------|-----------------------|---------------------|--------------------|-------------------------------|---|
| Nº | Nome | Idade | Localidade | | Composição | Idade dos Irmãos | Pai | | Mãe | | Habilitaç. Literárias | | Retenções | Apoios Pedagógicos | Distância Escola Transporte Duração | Em casa onde estuda | recebe ajuda no | Ajuda os Pais em casa | Valor dado à escola | Profissão desejada | | |
| | | | | | | | Idade | Profissão | Idade | Profissão | Pai | Mãe | | | | | | | | | | |
| 1 | A | 10 | São Paio | Mãe | 4 | 4 | 39 | Motorista | 35 | Auxiliar em Lar de Idosos | 6º | 9º | - | - | | | | | | Futebolista | Desporto Escolar | |
| 2 | B | 10 | Gouveia | Mãe | 4 | 4 | 40 | Carpinteiro | 36 | Auxiliar em Lar de Idosos | 4º | 12º | - | - | Carro- 5 min | Quarto | Sim | Não | imp | Fotógrafa | Desporto Escolar | |
| 3 | C | 10 | Vila Franca da Serra | Mãe | | | | Desempregado | | Emigrante Na França | | | - | | | | | | | | | |
| 4 | D | 10 | Aldeias | Pai | 4 | 14 | 42 | Guarda da Empresa Água Serra da Estrela | | | 9º | - | - | | Autocarro 10 min | Sala | Sim | Não | imp | Cantora | | Escalão A |
| 5 | E | 10 | Gouveia | Pai | 4 | 13 | 39 | Bombeiro | 35 | Bombeira | 6º | 9º | - | - | Carro, a pé/ 15 minutos | Sala / quart | sim | sim | imp | Bombeiro | D E | |
| 6 | F | 11 | Vila Cortês | Mãe | 5 | 16,3 | 37 | ----- | 34 | Doméstica | 6º | 6º | 1 | 1º ciclo | Autocarro/ 15 a 20 min. | Quarto e sala | Sim | Não | imp | Modelo | | NEE(Currículo Específico Individual) Escalão A |
| 7 | G | 10 | Paços da Serra | Pai | 4 | 16 | 40 | Operário têxtil | 37 | Operária têxtil | 6º | 6º | - | - | Autocarro/ 20 min. | Quarto | Sim | Não | imp | Futebolista | Desporto Escolar Futsal | Escalão B |
| 8 | H | 10 | Gouveia | Padrasto | 4 | 4 | 40 | Bombeiro (padrasto) | 42 | Auxiliar Serviços Gerais Fundação Nossa Casa | 6º | 6º | - | - | Autocarro, a pé / min. | Quarto | Sim | Não | imp | Bombeiro | | Escalão A |
| 9 | I | 10 | Gouveia | Pai | 8 | 11,14, 19 | 43 | Pastor | 35 | Talhante | | | - | - | Carro, a pé / 10 min ? | Sala, cozinha e quarto | Sim | Sim | imp | Futeboliata do SCP | | Escalão B |

| O aluno | | | | Encarregado de Educação | Agregado Familiar | | | | | | | Percurso Escolar | | Condições de Frequência | | | | | | Atividades Extra Curriculares | Observações | |
|---------|------|-------|----------------------|-------------------------|-------------------|------------------|-------|-------------------------------|-------|--|-----------------------|------------------|-----------|-------------------------|-------------------------------------|---------------------|-----------------|-----------------------|---------------------|------------------------------------|-------------|--|
| Nº | Nome | Idade | Localidade | | Composição | Idade dos Irmãos | Pai | | Mãe | | Habilitaç. Literárias | | Retenções | Apoios Pedagógicos | Distância Escola Transporte Duração | Em casa onde estuda | recebe ajuda no | Ajuda os Pais em casa | Valor dado à escola | | | Profissão desejada |
| | | | | | | | Idade | Profissão | Idade | Profissão | Pai | Mãe | | | | | | | | | | |
| 10 | J | 10 | Nabais | Mae | 4 | 12,19 | | Camionista | | Auxiliar de Lar de Idosos | | | - | - | Autocarro 15 minutos | sala | sim | sim | imp | | D E | Escalão A |
| 11 | K | 10 | Gouveia | Mãe | 5 | 5, 15 | 35 | Sapador florestal | 33 | Doméstica | 6º | 6º | - | 2º 4º | A pé / 5 min. | | | | | | D E | |
| 12 | L | 10 | Vila Cortês da Serra | Mãe | 4 | 2 meses | 30 | Bombeiro | 25 | Desempregada | 9º | 4º | - | - | Autocarro / 20 min | Quarto | Sim | Não | imp | Futebolista | D E | Escalão A |
| 13 | M | 10 | Nabainhos | Mãe | 4 | 4 | 40 | Bombeiro | 31 | Cabeleireira | 7º | 9º | - | - | Autocarro/ 25 min. | Sala de jantar | Sim | Sim | imp | Cabeleireira | | Escalão B |
| 14 | N | 10 | Paços da Serra | Mãe | 3 | ----- | 39 | Vinicultor | 36 | Assistente Administrativa (emp de escrit de advogado) | 6º | 12º | - | - | Autocarro/ 40 min | Quarto | Sim | Não | imp | Futebolista | D E | |
| 15 | O | 10 | Paços da Serra | Pai | 4 | 21 | | | | | | | | | Autocarro/ 30 min. | Quarto | Sim | Não | imp | Veterinária | | |
| 16 | P | 11 | Gouveia | Mãe | 4 | | | Eletricista | | Doméstica | 12º | 4º | 1 | 1º ciclo | Autocarro/ 10 min | Sala | Sim | Não | imp | Futebolista | | NEE (Currículo Específico Individual) |
| 17 | Q | 10 | Vila Cortês da Serra | Pai | 5 | 15, 4 | 39 | Empresário em nome individual | 36 | Ajudante de ação directa(A B P G) | 9º | 9º | - | - | Autocarro/ ? | Quarto | Sim | Sim | imp | Futebolista | D E | |
| 18 | R | 10 | Gouveia | Mãe | 4 | ? | 34 | Comerciante | 38 | Professora 1º Ciclo | 11º | Lic. nc. | - | - | Carro / 5 min. | Sala ou quarto | Sim | Sim | imp | Engenheiro Informático | | |
| 19 | S | 9 | Gouveia | Mãe | 4 | ? | 38 | Auxiliar de Acção Médica | 42 | Professora 1º Ciclo | 12º | Lic. | - | - | Carro / A pé | Quarto | Sim | Não | imp | Engenheiro Informático / Cientista | | |

Apêndice 2 – Caraterização socioeconómica da turma 5ºG

Tabela 2 - Caracterização socioeconómica da turma 5ºG

| Nº | Nome | Ano de Nascimento | Morada | EE | Agregado Familiar | Idade dos Irmãos | Idades | | Profissão | | Habilitações Literárias / Idade | | Retenções | Apoios Pedagógicos | Distância Escola Transporte Duração | Em casa onde estuda | Em casa Recebe ajuda no estudo | Ajuda os Pais em casa | Observações |
|----|------|-------------------|-----------------|-----|-------------------|------------------|--------|-------|----------------------------|--|---------------------------------|-------------|-----------|--------------------|--|---------------------|--------------------------------|-----------------------|------------------|
| | | | | | | | Pai | Mãe | Pai | Mãe | Pai | Mãe | | | | | | | |
| 1 | A | 2001 | Tazem | Mãe | Pais Irmã | 19 | 45 | 45 | Ladrilhador | Doméstica | 6º. Ano | 9º- Ano | - | - | 2Km Autocarro 10 min | Quarto sala | Sim | Não | - |
| 2 | B | 2001 | Vila Nova Tazem | Mãe | Pais Irmão | 5 | 37 | 40 | Assistente Operacional | Assistente Técnica | E. Superior | Secundário | - | - | Carro 5 min. | Quarto sala | sim | Não | - |
| 3 | C | 2001 | Vila Nova Tazem | Mãe | Pais Irmão e Avó | 2 | 34 | 34 | Eletricista Canalizador | Doméstica | 9º. Ano | 4º Ano. | - | - | Carro 5 min- | Quarto / Escritório | sim | sim | - |
| 4 | D | 2001 | Vila Nova Tazem | Mãe | Pais Irmã | 20 | 39 | 39 | Emigrante | Empresária de Comércio | 6º. Ano | 9º. Ano | - | Apoio a Matem- | 0,5 Km Pé /Carro 15/ min-7 Km Autocarro 1\5 min. | Cozinha | Sim | Não | - |
| 5 | E | 2001 | Lagarinhos | Mãe | Pais Irmãos | 8 – 15 | 42 | 38 | Caiador | Auxiliar | 6º. Ano | 9º. Ano | - | - | | | sim | Não | - |
| 6 | F | 2001 | Vila Nova Tazem | Pai | Pai Irmão | 20 | 55 | ----- | Adegueiro | Falecida | 4º. Ano | - | - | - | Carro 5 min- | Cozinha | sim | sim | - |
| 7 | G | 2001 | Vila Nova Tazem | Mãe | Pais Irmã | 17 | 50 | 47 | Reformado | Doméstica | 9º. Ano | 4º. Ano | - | - | Carro 10 min. | Quarto | sim | Não | - |
| 8 | H | 2001 | Lagarinhos | Mãe | Pais e Irmão | 5 | 35 | 35 | Artes Gráficas | Rececionista | Secundário | Secundário | - | - | 7 Km Autocarro 15 min. | Quarto | sim | Não | |
| 9 | I | 2001 | Paçoinhos | Mãe | Pais irmãs | 2 – 6 | 45 | 45 | Auxiliar de Ação Educativa | Professora | 9º- Ano | E. Superior | - | - | Autocarro 5 min. | Quarto Escritório | sim | Não | |
| 10 | J | 2001 | Vila Nova Tazem | Mãe | Pais Irmã | 5 | 44 | 41 | Monitor de Artes Marciais | Conselheira de Orientação Profissional | Secundário | E. Superior | - | - | Autocarro 5 min. | cozinha | Sim | Não | - |
| 11 | K | 2001 | Tazem | Mãe | Pais | - | 48 | 39 | Cortador de Carne | Agricultora | 4º. Ano. | 9º. Ano | - | - | 2 Km- Autocarro 10 min- | Quarto | Sim | sim | - |
| 12 | L | 2001 | Passarela | Mãe | Pais Irmão | 18 | 44 | 40 | Caiador | Desempregada | 6º. Ano | 9º. Ano | - | - | 7 Km Autocarro 15 min. | quarto | sim | Não | - |
| 13 | M | 2001 | Cativelos | Mãe | Pais Irmão | 13 | 43 | 36 | Desempregado | Desempregada | 9º Ano | E. Superior | - | L.P e Matemát. | 5 Km- Autocarro 10 min- | Quarto | sim | Não | Assimetria Renal |

| 14 | N | 2001 | Vila Nova Tazem | Mãe | Pais Irmão | 19 | 50 | 44 | Pedreiro | Desempregada | 4º. Ano | 9º. Ano | - | - | A pé 10 min. | Quarto | sim | Não | |
|--------|----------------------------|----------------------|--|-----------------|---|--|---|-----|-------------------|------------------|---------------------------------|-------------------|------------|--------------------|--------------------------------------|---------------------|--------------------------------|-----------------------|-------------------------|
| 15 | O | 2001 | Rio Torto | Mãe | Pais e Irmã | 5 | 37 | 33 | Animador Social | Animadora Social | Secundária | Secundária | - | - | 5 Km carro 10 min | Cozinha | sim | sim | - |
| Nº | Nome | Ano de Nascimento | Morada | EE | Agregado Familiar | Idade dos Irmãos | Idades | | Profissão | | Habilitações Literárias / Idade | | Retenções | Apoios Pedagógicos | Distância Escola Transporte Duração | Em casa onde estuda | Em casa Recebe ajuda no estudo | Ajuda os Pais em casa | Observações |
| | | | | | | | Pai | Mãe | Pai | Mãe | Pai | Mãe | | | | | | | |
| 16 | P | 2001 | Vila Nova Tazem | Mãe | Pais e Irmão | 15 | 45 | 43 | Tratorista | Doméstica | 4º. Ano | 4º. Ano | - | - | A pé 15 min. | Sala | Sim | sim | - |
| 17 | Q | 2001 | Paçoinhos | Mãe | Pais | - | 42 | 44 | Consultor | Desempregada | E. Superior | 9º. Ano | - | | Autocarro 10 min. | Quarto | Sim | Não | Foi operado aos ouvidos |
| 18 | R | 2000 | Lagarinhos | Mãe | Pais irmão | 14 | 45 | 42 | Trabalhador Rural | Cozinheira | 4º. Ano | 9º. Ano | 1 | L. P. e Matemát. | 7 km Autocarro 15 min. | Quarto | Sim | Não | - |
| 19 | S | 2001 | Lagarinhos | Mãe | Pais Irmã | 17 | 42 | 44 | Desempregado | Desempregado | 4º. Ano | 4º. Ano | - | L. P. e Matemát. | 7 km Autocarro 15 min. | quarto | Sim | Não | - |
| Notas: | 9 - Raparigas 10 - Rapazes | Média -10 Tobias -11 | 8 VNT 2 Paçoinhos 4 Lagarinhos 1 Rio Torto 1 Passarela 2 Tazem 1 Cativelos | 18 mãe 1 Pai | 14 Pais e Irmão / Irmã 2 Pais / Irmãos 1 Pais/Irmão/Avó 2 Pais | De 2 a 8 Anos são 8 De 10 a 15 - 4 + de 15 são 7 | Média dos pais 43 anos; média das mães 40 anos. | | Várias | 5 Desempregadas | Maioria 4º ano—6, | Maioria 9º ano--8 | Tobias - 1 | 4- Mat 4- L.P. | 11- autocarro 6 - carro 2 - pé | diversificado | Todos - sim | 14 – Não 5 Sim | |

Apêndice 3 – Caraterização socioeconómica da turma 6°F

Tabela 3 - Caracterização socioeconómica da turma 6°F

| Nº | Nome | Ano de Nascimento | Morada | EE | Agregado Familiar | Idade dos Irmãos | Profissão | | Habilitações Literárias / Idade | | Retenções | Apoios Pedagógicos | Distância Escola Transporte Duração | Em casa onde estuda | Em casa recebe ajuda no estudo | Ajuda os Pais em casa | Valor dado à escola | Pedia apoio a técnicos | Observações |
|----|------|-------------------|-----------------|-----|--------------------|------------------|-------------------------|------------------------------|---------------------------------|-----|-----------|----------------------|-------------------------------------|---------------------|--------------------------------|-----------------------|---------------------|------------------------|---|
| | | | | | | | Pai | Mãe | Pai | Mãe | | | | | | | | | |
| 1 | A | 2000 | Paçoinhos | Mãe | Pais Irmão | 16 | emigrante | Desempregada | 4º | 6º | - | - | 1 Km Autocarro 5 min | Quarto | Não | Não | 4 | sim | Orelha direita colada de nascença |
| 2 | B | 2000 | Vila Nova Tazem | Mãe | Mãe padrasto irmão | 2 anos | Cozinheiro (emigrante) | Escriturária | 12º | 12º | - | - | A pé 10min | Quarto sala | sim | Não | 4 | sim | Alergia ao pêlo |
| 3 | C | 2000 | Vila Nova Tazem | Mãe | Mãe Irmã | 15 | Fabriqueiro Sonae | padeira | 9º | 9º | - | Mat, L.P. Ens. Esp. | Pé/Carro 2 min | Quarto cozinha | sim | sim | 4 | Sim | NEE Alergia ao pó/polén |
| 4 | D | 2000 | Vila Nova Tazem | Mãe | Pais Irmãos | 2 – 15 | Construtor Civil | Comerciante | 9º | 12º | - | - | 0,5 Km Carro 2min | Quarto sala | Sim | sim | 4 | sim | óculos |
| 5 | E | 2000 | Vila Nova Tazem | Mãe | Pais Irmãos | 25-20 | Construtor | Junta de freg Serv. gerais | 6º | 4º | - | Mat, L.P. Ens. Esp ? | Carro 5 min | Cozinha quarto | sim | Sim | 4 | sim | NEE |
| 6 | F | 2000 | Vila Nova Tazem | Mãe | Pais Irmão | 5 | emigrante | Estudante | 9º | 9º | - | - | Autocarro 2m | Quarto | sim | sim | 5 | sim | Problemas de pele |
| 7 | G | 2000 | Vila Nova Tazem | Mãe | Pais Irmãos | 15-17 | serralheiro | Creche de bebes | | | - | Mat, L.P. Ens. Esp | Autocarro 1 min | Sala Quarto cozinha | sim | sim | 5 | Sim | NEE |
| 8 | H | 2000 | Vila Nova Tazem | Mãe | Pais | - | empresário | Empresária de roupa | 9º | 6º | - | - | 100m A pé 5 m | sala | Não | Não | 5 | não | |
| 9 | I | 2000 | Vila Nova Tazem | Mãe | Pais irmãos | 17-24-25 | Construtor civil | Ajudante de armazém - Adega | 5º | 6º | - | - | Pé 5 min | Quarto | sim | Não | 5 | Não | |
| 10 | J | 2000 | Vila Nova Tazem | Mãe | Pais Irmão | 5 | Construtor Civil ? | Desempregada? | | | - | Mat, L.P. Ens. Esp ? | Pé 7 min | Sala Cozinha quarto | Sim | | 5 | Sim | NEE |
| 11 | K | 2000 | Vila Nova Tazem | Mãe | Pais Irmã | 21 | Técnico de vendas | cabeleireira | 6º | 6º | - | Mat, L.P. Ens. Esp | Carro 5m | quarto | Sim | sim | 5 | Não | Tem confiança Avaliado pela oralidade |
| 12 | L | 2000 | Vila Nova Tazem | Mãe | Pais irmã | 3 | Motorista nos bombeiros | Administrativa nos bombeiros | 9º | 12º | - | - | 1 Km carro 5 min | quarto | sim | Não | 5 | sim | óculos |
| 13 | M | 2000 | Vila Nova Tazem | Pai | Pais Irmão | 5 | Auxiliar da ação edu | Auxiliar da ação edu. | | | - | - | carro | cozinha | sim | sim | 4 | sim | Não t/ a cabeça de 1 dedo |
| 14 | N | 2000 | Lagarinhos | mãe | Pais Irmão | 24 | Construtor civil | Trabalha na adega | 9º | 4º | - | - | Autocarro 15min | Quarto sala | sim | sim | 5 | Não | |
| 15 | O | 2000 | Vila Nova Tazem | mãe | Pais irmão | 22 | Vendedor | Cabeleireira | 6º | 6º | - | - | Autocarro 7 m | Quarto sala | sim | sim | - | - | |

| Nº | Nome | Ano de Nascimento | Morada | EE | Agregado Familiar | Idade dos Irmãos | Profissão | | Habilitações Literárias / Idade | | Retenções | Apoios Pedagógicos | Distância Escola Transporte Duração | Em casa onde estuda | Em casa Recebe ajuda no estudo | Ajudas Pais em casa | Valor dado à escola | Pedia apoio a técnicos | Observações |
|--------|---------------------------|-------------------|---|----------------|--|-------------------------------|------------------------|--------------------|---------------------------------|-------------------------------|-----------|----------------------------------|-------------------------------------|---------------------|--------------------------------|---------------------|---------------------|------------------------|-----------------------------|
| | | | | | | | Pai | Mãe | Pai | Mãe | | | | | | | | | |
| 16 | P | 2000 | Vila Nova Tazem | Pai | Pais | - | Professor | cozinheira | licenct | 9º | - | - | Carro/pé 5/ 10 min | Quarto | Sim | Não | 5 | não | Alergia ao pó/pólen |
| 17 | Q | 2000 | Vila Nova Tazem | Mãe | Pais irmã | 16 | Vendedor de automóveis | Secretária ABPG | 12º | 12º | - | - | 400m pé 5 min | Quarto | Sim | sim | 5 | não | |
| 18 | R | 2000 | Novelães | Mãe | Pais irmãos | 18-22 | Emigrante em Angola | desempregada | 4º | 9º | - | - | 2 km autocarro 10 min | Quarto | Sim | não | 5 | não | "é preciso estudar sozinha" |
| 19 | S | 2000 | Póvoa da Rainha | Mãe | Mãe avós | - | Func. publico | advogada | licenc | Licenciatura Pós-grad. | - | - | 2 km Autocarro 8 min | quarto | Sim | sim | 5 | não | óculos |
| Notas: | 11 Raparigas 8 Rapazes | Média-11 | 15 VNT 1Paçinhos 1Novelães 1 Lagarinhos 1Póvoa Rainha | 15mãe 2 Pai | 1 mãe e irmã 1 mãe e avós 1 Mãe, padrastrô irmão | 5 Novos 10 Velhos 2 Sem | Várias | 2 Desempregadas | Matéria-9º 1 licenciado | Diversificads 1-licenciada | - | 6- Mat 6- L.P. 5- Ens. Esp | 5- autocarro 9- carro 4- pé | diversificado | Todos - sim | 1 - Não | 6 - 4 13 - 5 | 11 - Sim 8 - Não | |

Apêndice 4 – Inquérito por questionário



INQUÉRITO POR QUESTIONÁRIO

Com este questionário pretendemos recolher informações acerca do processo de ensino e aprendizagem em relação à disciplina de História e Geografia de Portugal, no 2º C.E.B., visando Práticas Pedagógicas mais eficazes e exequíveis. Este instrumento metodológico enquadra-se numa investigação, no âmbito do Mestrado em Professores do 1º e 2º C.E.B., da Escola Superior de Educação, Comunicação e Desporto da Guarda, visando obter alguns resultados. Integrarão este estudo o agrupamento de Escolas de Seia, o agrupamento de Escolas Guilherme Correia de Carvalho de Seia, o agrupamento de Escolas de Gouveia e o agrupamento de Escolas de Celorico da Beira. Todas as informações recolhidas são estritamente confidenciais. Os dados de identificação solicitados servem, apenas, para efeito de interpretação de outras respostas. Por favor, responda com sinceridade, pois não há respostas corretas ou incorretas. A sua opinião é muito importante. Obrigado pela colaboração.

Sempre que possível assinale com um X.

1- Sexo.

| | |
|-----------|--------------------------|
| Masculino | <input type="checkbox"/> |
| Feminino | <input type="checkbox"/> |

2- Tempo de serviço em 16 de Setembro de 2011.

| | |
|-----------------|--------------------------|
| Até 3 anos | <input type="checkbox"/> |
| De 4 a 6 | <input type="checkbox"/> |
| De 7 a 25 | <input type="checkbox"/> |
| Mais de 25 anos | <input type="checkbox"/> |

3- Habilitação Académica.

| | |
|--------------|--------------------------|
| Doutoramento | <input type="checkbox"/> |
| Mestrado | <input type="checkbox"/> |
| Licenciatura | <input type="checkbox"/> |
| Bacharelato | <input type="checkbox"/> |
| Outra | <input type="checkbox"/> |

Qual? _____



4- Considera importante o ensino da História e Geografia de Portugal nas escolas como disciplina obrigatória?

| | |
|-----|--------------------------|
| Sim | <input type="checkbox"/> |
| Não | <input type="checkbox"/> |

5- No seu parecer a carga horária, relativa à disciplina de História e Geografia de Portugal, é suficiente?

| | |
|-----|------------------------------------|
| Sim | <input type="checkbox"/> |
| Não | <input type="checkbox"/> Sugestão: |

6- Na sua perspetiva, o Currículo de História e Geografia de Portugal, é adequado e bem estruturado?

| | |
|-----|--------------------------|
| Sim | <input type="checkbox"/> |
| Não | <input type="checkbox"/> |

7 - Em relação aos manuais de História e Geografia de Portugal pensa que, no geral, são adequados aos programas a lecionar?

| | |
|-----|--------------------------|
| Sim | <input type="checkbox"/> |
| Não | <input type="checkbox"/> |

8 - Acha preponderante e facilitador das aprendizagens o uso de materiais, como suportes das mesmas, no decorrer das aulas de História e Geografia de Portugal?

| | |
|-----|--------------------------|
| Sim | <input type="checkbox"/> |
| Não | <input type="checkbox"/> |

9 - Questões como a Cidadania, os Direitos Humanos e a Identidade Portuguesa, inerentes ao ensino da disciplina de História e Geografia de Portugal, devem ser fomentadas, pois são essenciais à formação global e integral dos alunos?

| | |
|-----|--------------------------|
| Sim | <input type="checkbox"/> |
| Não | <input type="checkbox"/> |





10 – Organiza e efetua com os alunos visitas de estudo de caráter histórico?

| | |
|-----|--------------------------|
| Sim | <input type="checkbox"/> |
| Não | <input type="checkbox"/> |

11 – Segundo, a sua opinião, indique a pertinência e importância destas atividades na compreensão dos conteúdos de História e Geografia de Portugal.

12 – Refira, qual o número de negativas atribuídas, no 2º período.

13 – Explícite, em sua opinião, quais as causas fundamentais do insucesso escolar verificado.

14 - Atualmente, percebemos que não há um domínio geral, nem científico, em relação a certos factos históricos essenciais. Em sua opinião, diga, quais pensa serem, as causas subjacentes a esta realidade, apontando sugestões, para colmatar estas lacunas.

TERMINOU O PREENCHIMENTO DESTE INQUÉRITO.

OBRIGADO PELA COLABORAÇÃO.

